

**Terror e miséria do Terceiro
Reich**

24 cenas

Furcht und Elend des Dritten Reiches

Escrita em 1935-1938

Tradução: Gilda Oswaldo Cruz

A GRANDE PARADA MILITAR ALEMÃ

No quinto ano do governo daquele
Que se diz enviado de Deus,
Ouvimo-lo declarar ser chegado o momento
De iniciar sua guerra; estavam prontos os tanques,
Os canhões, os couraçados; os aviões
Enchiam os hangares e eram tantos que
Se alçassem vô juntos, a um aceno de sua mão,
Os céus se escureceriam.
Nesse momento resolvemos passar o povo em revista.
Que tipo de gente, em que situação, e com que pensamento,
Acorrera ao chamado do chefe, disposta a marchar
Sob sua bandeira. Passamos em revista o exército.

Lá vêm eles: uma multidão pálida, heterogênea.
À frente a bandeira cor de sangue, com a cruz:
É a gente do povo que carrega essa cruz.

Quem não marcha, se arrasta, de quatro patas no chão.
Partem para a grande guerra. Não se ouve um lamento,
Nenhuma praga, ninguém arqueja; e se alguém pergunta algo,
Não se escuta: é barulhenta a banda militar.

Lá vêm eles, com mulheres e filhos.
Depois de cinco longos invernos,
Não distinguem mais as coisas claramente.
Arrastam os velhos e os doentes e desfilam.
É a grande parada militar alemã.

1

COMUNIDADE NACIONAL

Lá vêm oficiais da SS: ouviram discursos, beberam cerveja. Estão pesados e bêbados. Só têm um desejo: que o povo alemão se torne grande, temido, fiel e obediente.

Noite de 30 de janeiro de 1933. Vêm pela rua dois oficiais da SS, aos tropeços.

PRIMEIRO SS — Estamos por cima. Que beleza, a marcha com archotes! Ontem estávamos na miséria, hoje entramos na Chancelaria do Reich. Ontem éramos abutres famintos, hoje somos águias imperiais.

Param para urinar.

SEGUNDO SS — Agora poderemos ter a comunidade nacional. Prevejo um irresistível soerguimento moral do povo alemão.

PRIMEIRO SS — Mas primeiro teremos que despertar a consciência do homem alemão, tirá-lo da situação de escória subumana. Que lugar é este? Não vejo bandeiras em parte alguma.

SEGUNDO SS — Acho que nos perdemos.

PRIMEIRO SS — Que lugar horroroso.

SEGUNDO SS — Isto é bairro de criminosos.

PRIMEIRO SS — Você acha mesmo perigoso?

SEGUNDO SS — Um companheiro decente não mora num barracão desses.

PRIMEIRO SS — Está tudo às escuras!

SEGUNDO SS — Devem ter saído todos.

PRIMEIRO SS — Os que pensam como nós. Será que foram ver de perto a inauguração do Terceiro Reich? Vamos embora, mas atenção à retaguarda.

Recomeçam a andar, cambaleando, um atrás do outro.

PRIMEIRO SS — Aqui não é o bairro do canal?

SEGUNDO SS — Não sei.

PRIMEIRO SS — Foi exatamente nesta esquina que descobrimos um ninho de marxistas. Declaravam ser apenas uma associação de militantes católicos. Que nada! Nenhum deles tinha colarinho de padre.

SEGUNDO SS — Você acha que ele vai conseguir criar a comunidade nacional?

PRIMEIRO SS — Ele consegue tudo!

Pára de repente e escuta, transido. Alguém abriu uma janela.

SEGUNDO SS — Que há?

Engatilha o revólver. Um velho de camisola se debruça à janela e ouve-se ele perguntar baixinho: "Ema, é você?"

SEGUNDO SS — São eles!

Começa a correr de um lado para outro, alucinado, atirando em todas as direções.

PRIMEIRO SS aos berros — Socorro!

De uma janela fronteira à do velho, que ainda está ali, visível, ouve-se o grito horrível de um alvejado.

2

A TRAIÇÃO

Lá vêm os traidores. Delataram os vizinhos. Sabem que foram identificados. Será que a rua não esquece jamais? À noite não conseguem dormir. Mas ainda não chegou o dia final.

Breslau, 1933. Interior de um apartamento pequeno-burguês. Um homem e uma mulher estão de pé, junto à porta, escutando. Ambos muito pálidos.

MULHER — Já estão lá embaixo.

HOMEM — Ainda não.

MULHER — Quebraram o corrimão. Ele estava inconsciente quando o arrastaram para fora do apartamento.

HOMEM — Eu disse apenas que não era em nossa casa que se escutavam os programas da rádio estrangeira.

MULHER — Mas não foi só isso o que você disse.

HOMEM — Eu não disse mais nada.

MULHER — Não precisa me olhar assim. Se você não disse mais nada então não disse mais nada, pronto.

HOMEM — É isso mesmo.

MULHER — Por que não vai à polícia dizer que não houve reunião em casa deles, no sábado?

Pausa.

HOMEM — À polícia eu não vou. São umas feras. Você viu como o trataram.

MULHER — Também, para que ele se mete em política? Bem feito.

HOMEM — Também não precisavam ter rasgado o casaco dele. Gente pobre como nós não tem nada sobrando.

MULHER — Que importa o casaco?

HOMEM — Não precisavam ter rasgado o casaco dele.

3

A CRUZ DE GIZ

Como matilha de cães de caça, os SA fa-
rejam seus semelhantes e os perseguem.
Atiram a presa aos pés dos gordos mag-
natas e fazem a saudação com o braço em
riste. Têm as mãos vazias e sangrentas.

Berlim, 1933. Uma cozinha em casa de gente rica. Um SA, a Cozinha, a Empregada e o Motorista.

EMPREGADA — Você só tem mesmo mais meia hora?

SA — Manobras noturnas!

COZINHEIRA — E o que é que tanto vocês vivem manobrando?

SA — Segredo militar!

COZINHEIRA — Batida policial?

SA — Era o que a senhora gostaria de saber, não? Mas de mim não sai nada. Deste mar não sai peixe.

EMPREGADA — E você ainda tem de ir até Reinickendorf?

SA — Reinickendorf, ou Rummelsburg, ou quem sabe Lichterfelde?

EMPREGADA *um pouco desconcertada* — Não quer comer nada, antes de sair?

SA — Não me faça de rogado. Encher a pança é comigo.

A cozinha traz uma bandeja.

SA — Temos de ficar de bico calado! Surpreender sempre o inimigo! Vir sempre do lado de onde não se espera! Olhe o exemplo do Führer! Quando ele prepara uma ação qualquer! Indecifrável! Antes não se sabe de nada. Talvez nem ele mesmo saiba. E de repente a coisa desaba como um raio. As coisas mais incríveis. É isso que nos faz tão temidos. *Amarrou o guardanapo ao pescoço; de garfo e faca em riste, pergunta* — Os donos da casa não podem entrar aqui de repente, Anna? Vão me encontrar aqui sentado, a boca cheia de maionese! *Exagerando, como se tivesse a boca cheia* — Heil Hitler!

EMPREGADA — Não, eles primeiro tocariam a campainha para pedir o automóvel, não é, Herr Francke?

Motorista — Como disse? Sim, senhora!
O SA começa a comer, tranqüilizado.

EMPREGADA *senta-se a seu lado* — Não está cansado?

SA — Exausto!

EMPREGADA — Mas sexta-feira você vai ter tempo, não vai?

SA *concordando* — Se nada acontecer de anormal.

EMPREGADA — Olhe, o conserto do relógio custou 4 marcos e cinquenta.

SA — Que assalto!

EMPREGADA — O relógio novo custou 12 marcos.

SA — E o rapaz da drogaria, continua mexendo com você?

EMPREGADA — Ah, deixe para lá.

SA — É só você me dizer.

EMPREGADA — Eu digo tudo a você. Está com as botas novas?

SA *sem entusiasmo* — Estou. Por quê?

EMPREGADA — Minna, já viu as botas novas do Theo?

COZINHEIRA — Não, ainda não.

EMPREGADA — Mostre, Theo. Eles agora estão dando essas botas para o pessoal.

O SA, mastigando, estica a perna e exhibe as botas.

EMPREGADA — Bonitas, não?

O SA olha em volta, como quem procura alguma coisa.

EMPREGADA — Falta algo?

SA — Está um pouco seco.

EMPREGADA — Quer cerveja? Vou buscar. *Sai rapidamente da cozinha.*

COZINHEIRA — Ela se deixaria matar pelo senhor, Herr Theo!

SA — É, comigo tem de ser assim. Tudo tem que funcionar bem na hora.

COZINHEIRA — Vocês homens podem exagerar: fazem o que bem querem.

SA — São as mulheres que preferem assim. *Vendo que a cozinheira faz menção de levantar uma chaleira pesada* — Que está fazendo? Largue isso, deixe por nossa conta. *Carrega a chaleira.*

COZINHEIRA — Muito gentil de sua parte. O senhor está sempre querendo ajudar. *Olhando para o motorista.* — Não é todo dia que se encontra alguém assim.

SA — Deixe de bobagens. São coisas que fazemos com prazer. *Alguém bate à porta de serviço que dá para a cozinha.*

COZINHEIRA — Deve ser meu irmão, me trazendo a válvula para o rádio. *Entra o irmão da Cozinheira, um Operário.*

COZINHEIRA — Este é meu irmão.

SA e o MOTORISTA — Heil Hitler!
O Operário resmunga qualquer coisa, que talvez pudesse ser entendida como Heil Hitler.

COZINHEIRA — Trouxe a válvula?

OPERÁRIO — Trouxe.

COZINHEIRA — Quer instalar logo?
Saem juntos.

SA — Que tipo é esse?

MOTORISTA — Desempregado.

SA — Vem sempre aqui?

MOTORISTA *dá de ombros* — Eu raramente passo por aqui.

SA — A cozinheira é cem por cento leal ao partido?

MOTORISTA — Completamente.

SA — Mas nem por isso o irmão há de ser igual a ela.

MOTORISTA — O senhor tem alguma suspeita?

SA — Eu? Nunca! Jamais suspeito de coisa alguma. Suspeita, o senhor compreende, é quase a mesma coisa que certeza. E quando há certeza...

MOTORISTA *murmurando* — Tudo tem que funcionar bem na hora.

SA — É. Isso mesmo. *Curvando-se um pouco para trás, piscando um olho* — O senhor entendeu o que o irmão da cozinheira resmungou? *Imita a saudação.* Pode ser que tenha sido Heil Hitler. Pode ser que não. Esses caras são uma parada. *Ri alto.*
Entram a Cozinheira e o irmão. Ela lhe serve algo de comer.

COZINHEIRA — Meu irmão entende mesmo de rádio. Não compreendo por que ele não liga nunca o aparelho. Se eu tivesse tempo, o rádio ficava sempre ligado. *Para o irmão* — E tempo é coisa que você tem até demais, não é, Franz?

SA — É mesmo? O senhor tem rádio e não o liga nunca?

OPERÁRIO — Ouço música, de vez em quando.

COZINHEIRA — Ele construiu sozinho um rádio ótimo, com quase nada.

SA — Com quantas válvulas?

OPERÁRIO *com olhar desafiador* — Quatro.

SA — Pois é, cada qual com seu gosto. *Para o motorista* — Não é?

MOTORISTA — Como disse? É, é isso mesmo.

A Empregada entra com a cerveja.

EMPREGADA — Está bem gelada.

SA *pondo carinhosamente a mão sobre a mão da moça* — Menina, você está esbaforida. Não precisava ter corrido tanto: eu podia esperar.

Ela serve-lhe a cerveja.

EMPREGADA — Não faz mal. *Dá a mão ao Operário, para cumprimentá-lo.* O senhor trouxe a válvula? Sente-se um pouco. Parece que veio correndo. *Para o SA* — Ele mora em Moabit.

SA — Onde foi parar a cerveja? Alguém bebeu a minha cerveja! *Para o Motorista* — O senhor bebeu a minha cerveja?

MOTORISTA — Eu não! Que idéia! Sumiu a cerveja?

EMPREGADA — Eu acabei de encher o copo!

SA *à Cozinheira* — Foi a senhora quem bebeu? *Ri alto.* Não é nada disso! Podem ficar tranquilos! É um truque de nossa turma... Bebe-se a cerveja, sem que ninguém veja ou ouça nada! *Ao Operário* — O senhor ia dizendo?

OPERÁRIO — É um truque antigo.

SA — Então o senhor pode repetir? *Despeja o resto da cerveja no copo.*

OPERÁRIO — Muito bem. Aqui está a cerveja — *levanta o copo* — e agora vou mostrar o truque. *Bebe tranquilo e com prazer toda a cerveja.*

COZINHEIRA — Mas assim qualquer um nota!

OPERÁRIO — Ah, é? Então o truque falhou! *Enxuga a boca.*
O Motorista ri alto.

SA — Está achando muito engraçado, não está?

OPERÁRIO — Mas não foi assim que o senhor fez? Não há outro jeito!

SA — Agora não lhe posso mostrar: acabou com a minha cerveja.

OPERÁRIO — Tem razão. Sem cerveja, não se pode mostrar o truque.
Conhece algum outro? Vocês sabem tantas coisas.

SA — “Vocês”, quem?

OPERÁRIO — A gente jovem, os rapazes.

SA — Ah...

EMPREGADA — Foi só uma brincadeira de Herr Lincke, Theo...

OPERÁRIO *prudente* — Não vai levar a mal!

COZINHEIRA — Vou buscar mais cerveja!

SA — Não precisa. Já deu para molhar a boca.

COZINHEIRA — O Theo sabe apreciar uma brincadeira.

SA *ao Operário* — Por que não se senta? Nós não somos canibais.
O Operário senta-se.

SA — Viver e deixar viver. De vez em quando, uma piada. Por que não? O importante são as idéias. Manter o moral alto.

COZINHEIRA — Isso é mesmo obrigação de vocês.

OPERÁRIO — E como está o moral, agora?

SA — Alto. Bem alto. Por quê? Está pensando o contrário?

OPERÁRIO — Eu, não! Só perguntei porque ninguém mais diz o que pensa.

SA — Ninguém lhe diz nada? Por quê? A mim, todos dizem o que pensam.

OPERÁRIO — É mesmo?

SA — Ninguém chega logo contando, ou pedindo para dizer o que pensa. A gente vai até lá.

OPERÁRIO — Aonde?

SA — Aos lugares, por exemplo: nos pontos de carimbo para carnês de desempregados. De manhã estamos sempre nos pontos de carimbo.

OPERÁRIO — Ah, é? Na fila, sempre se reśmunga alguma coisa com o vizinho.

SA — Pois é isso.

OPERÁRIO — Mas também o senhor só poderá escutar, sem ser notado, uma única vez. Depois fica logo manjado. E aí ninguém fala mais nada na fila.

SA — Por que eu ficaria manjado? Quer que lhe mostre como passo despercebido? Já que o senhor se interessa por truques... Vou lhe mostrar um. Temos uma porção deles... É como eu digo: quando os caras percebem que não podem escapar, que nós sabemos de tudo, acabam desistindo...

EMPREGADA — Isso, Theo: mostre como vocês fazem!

SA — Digamos, por exemplo, que estamos na fila do posto da Münzstrasse. O senhor — *indica o Operário* — está na minha frente. Mas antes preciso tomar algumas providências. *Sai.*

OPERÁRIO *piscando para o Motorista* — Agora vamos ver como eles agem.

COZINHEIRA — Todos os marxistas devem ser desmascarados. Não se pode tolerar que eles acabem com tudo.

OPERÁRIO — Ah...

SA *entrando de novo na cozinha* — Digamos que estou à paisana, naturalmente. *Ao Operário* — Agora o senhor começa a se queixar.

OPERÁRIO — De quê?

SA — Não se faça de bobo. Vocês têm sempre algum motivo para se queixar.

OPERÁRIO — Eu? Não tenho, não.

SA — Macaco velho, hein? Não vai querer dizer que tudo corre às mil maravilhas!

OPERÁRIO — Por que não?

SA — Assim não adianta. Se o senhor não colabora, eu não posso mostrar.

OPERÁRIO — Está bem. Vou entrar de sola. Deixam a gente esperando aqui à toa, como se o nosso tempo não valesse nada. De Rummelsburg até aqui, já gastei mais de duas horas de viagem.

SA — Isso não é nada. A distância entre Rummelsburg e a Münzstrasse é a mesma, tanto no Terceiro Reich como na República corrupta de Weimar. Solte a língua!

COZINHEIRA — Estamos brincando, Franz, todo mundo sabe que o que você vai dizer não é a sua verdadeira opinião!

EMPREGADA — Só de brincadeira, Herr Lincke! Represente um desses sujeitos que vivem xingando o regime! Pode confiar em Theo,

ele não vai levá-lo a mal ou pensar que está falando sério. Só quer mostrar o método.

OPERÁRIO — Está bem. Então eu digo o seguinte: toda a SA pode ir tomar no cu. Sou a favor dos marxistas e dos judeus.

COZINHEIRA — Franz!

EMPREGADA — Assim não é possível, Herr Lincke!

SA *rindo* — Homem! Dizendo isso, o senhor corre o risco de que eu simplesmente o mande prender pelo policial mais próximo! Não tem um pouco de imaginação? Deve dizer algo que possa ter um outro sentido, alguma coisa que alguém pudesse de fato dizer.

OPERÁRIO — Ah, bom. Então o senhor tem de me provocar.

SA — Isso não pega mais. Eu poderia dizer: nosso Führer é a maior figura humana que já pisou na face da Terra, maior que Jesus Cristo e Napoleão Bonaparte juntos. O senhor responderia, no máximo: é isso mesmo. Faço o contrário. Começo dizendo o seguinte: — Essa gente sabe falar. Que propaganda! Nisso, eles são mestres. Só têm garganta! Conhece a piada de Goebbels e os dois piolhos? Não? Dois piolhos apostam corrida para ver qual chegava primeiro ao outro lado da boca de Goebbels. Ganhou o primeiro, que foi pela nuca: é o caminho mais curto.

MOTORISTA — Ah, é?
Riem todos.

SA — Agora é a sua vez. Arrisque algo.

OPERÁRIO — Por causa da piada, não vou logo abrir a boca. Você bem pode ser um espião.

EMPREGADA — É verdade, Theo.

SA — Vocês são uns cagões! Já estou ficando cheio. Ninguém aqui se arrisca a dar um pio!

OPERÁRIO — Está falando sério, ou isso é o que diria na fila do carimbo?

SA — Isso eu também diria na fila do carimbo.

OPERÁRIO — Pois então eu lhe diria, na fila do carimbo: um homem prevenido vale por dois. Sou covarde, e ainda por cima não tenho revólver.

SA — Pois já que dá tanta importância à prudência, meu camarada, vou lhe dizer uma coisa: continue prudente, e um belo dia vai parar no Trabalho Voluntário!

OPERÁRIO — E quem for imprudente?

SA — Também vai parar lá. Reconheço, é trabalho voluntário, não é? É bem voluntário, mesmo.

OPERÁRIO — A essa altura, é possível que algum camarada corajoso, na fila do carimbo, vendo o senhor a olhar com esses olhos azuis, se arriscasse a dizer alguma coisa sobre o Trabalho Voluntário. O que, por exemplo? Talvez isto: ontem foram mais quinze. Como será que eles conseguem esse pessoal? Não é trabalho voluntário? E quem trabalha como voluntário não come nem um pouquinho mais do que quem não trabalha? E olhe que no campo de trabalho necessitam comer mais! Já conhecem a anedota sobre o Dr. Ley e o gato? Quando a ouvi, compreendi tudo. Conhecem?

SA — Não, não conhecemos.

OPERÁRIO — O Dr. Ley está numa viagem a serviço, por conta da organização — *força a alegria* — e encontra num campo de trabalho um alto funcionário da República de Weimar, de quem já me esqueci o nome. Talvez fosse num campo de concentração, mas nesses o Dr. Ley não põe o pé; ele é muito ladino. Aí o funcionário pergunta como é possível que os trabalhadores agora aceitem qualquer coisa, quando antes não eram bem assim. Dr. Ley mostra-lhe um gato que está por ali tomando sol e diz: que faria o senhor, se quisesse obrigar aquele gato a engolir

uma porção de mostarda? O funcionário pega o gato e lhe besunta o focinho de mostarda; claro, o bicho cospe tudo na cara do funcionário, não engole a mostarda, e arranha o homem de alto a baixo. Pois não é nada disso, diz o Dr. Ley. Veja como eu faço: pega o gato e lhe aplica, com um gesto rápido, uma boa porção de mostarda no cu. *Para as senhoras* — Desculpem, mas faz parte da anedota! O infeliz animal, fora de si, pois a mostarda lhe arde no rabo horrivelmente, começa a lambe-se, a fim de se livrar do troço. Está vendo, meu caro? Agora, diz triunfante o Dr. Ley, o gato está comendo! Assim é o Trabalho Voluntário!

Todos riem.

OPERÁRIO — É, muito engraçado.

SA — Agora a coisa vai. Trabalho Voluntário é um tema muito popular. O pior é que já não há a menor resistência. Podem nos dar bosta para comer, e nós ainda dizemos muito obrigado.

OPERÁRIO — Não é bem assim. Outro dia eu estava na Alexanderplatz, pensando se devia me apresentar como voluntário ou esperar que me pegassem na próxima leva. Nisso, sai do armazém uma dona magrinha, com todo o aspecto de ser mulher de proletário. Alto lá, grito eu, desde quando existe proletariado no Terceiro Reich? Não se criou a Comunidade Nacional, à qual pertencemos todos, até o Thyssen? Não, me responde ela, não vê que já aumentaram o preço da margarina! De 50 *Pfennig* para um marco. É isso a Comunidade Nacional? Filhinha, respondo, cuidado com o que diz para mim, sou nazista até à medula dos ossos. Ossos sim, responde ela, mas sem carne, e a farinha está misturada com casca de trigo. Pois a mulherzinha atreveu-se a me dizer tais barbaridades. Fiquei meio atordoado e consegui dizer: pois compre manteiga! É até mais saudável! Não pense em economizar na comida, assim o povo enfraquece e isso não podemos permitir. Estamos rodeados de inimigos, até mesmo nos altos escalões do governo... Nos avisam disso. Não, me responde ela, somos todos nazis, até o último suspiro, que aliás pode estar próximo, pois o perigo de guerra está aí. Outro dia, fui entregar meu melhor sofá para a Ação de Socorro de Inverno, estão dizendo que Göring até dorme no chão, de tanta preocupação com as matérias-primas; sabe o que me disseram? Que

preferiam um piano, para a campanha "Força pela Alegria"... Vejam que barbaridade. Fui então ao comprador de móveis usados, com seu sofá; eu estava tentando arranjar dinheiro há um tempão, para comprar 250 gramas de manteiga. Na leiteria me disseram: hoje não tem manteiga, camarada, aceita um canhão? Pode me dar o canhão, diz a mulherzinha. E eu lhe perguntei: para que quer o canhão? Com o estômago vazio! Não, me responde ela, já que vou passar fome, teremos que arrasar tudo, acabar com toda a canalha, com Hitler na proa... Como assim, filhinha, pergunto eu, nervoso — como assim? E ela: com Hitler na proa invadiremos a França. Já não conseguimos produzir gasolina a partir da lâ? E a lâ, de onde tiramos, pergunto eu. A lâ, ela responde, nós tiramos da gasolina. Também precisamos de lâ! Quando aparece na Ação de Socorro de Inverno um bom corte de fazenda, de boa qualidade, como nos tempos antigos, os funcionários brigam para ver quem fica com o pano! Se Hitler soubesse! Mas ele não sabe de nada, dizem que ele só tem o curso primário, um bocó. E eu lá pasmado, ouvindo tais barbaridades. Minha senhora, digo, espere um pouco, tenho de ir ali à Alexanderplatz... Imaginem vocês, quando voltei com o agente, a mulherzinha já tinha ido embora! *Pára de representar*. Então, que dizem?

SA *continuando a representar* — Eu? O que eu diria? Nada, faria um olhar crítico, no máximo. Diria, talvez: "é bom ir correndo à delegacia da Alexanderplatz". Com você não se pode dizer nada! Não se pode falar francamente.

OPERÁRIO — E não pode mesmo. Comigo, não. Se se abrir comigo, está perdido. Conheço meus deveres de cidadão do Reich; até minha própria mãe, se começar a se queixar do preço da margarina, eu entrego: vou até o próximo posto e deduro ela. Denuncio meu próprio irmão, se ele começar a falar mal do Trabalho Voluntário! E se minha noiva escrever do campo de concentração anunciando que ficou grávida, ao som de Heil Hitler, mando vigiá-la de perto: nada de aborto. Se não procedermos assim, se não nos afastarmos de nossa carne e de nosso sangue quando necessário, não poderemos manter o Terceiro Reich, aquilo o que mais prezamos. — Então, representei bem? Está contente, agora?

SA — Acho que chega. *Continua a representar*. E agora pode ir carimbar o seu carnê. Eu compreendi. Acho que todos o compreenderam, não é mesmo, companheiros? Mas pode confiar em mim, colega, o que você me disser vai comigo para o túmulo! *Dá um tapinha nas costas do Operário. Cessa a representação*. Aí você entra na repartição e vai preso, no ato.

OPERÁRIO — Sem que o senhor saia da fila e me acompanhe?

SA — Sem nada disso.

OPERÁRIO — Sem fazer sinal algum, que chamasse a atenção dos outros?

SA — Sem nada.

OPERÁRIO — Como é possível?

SA — Ah, quer saber o truque? Fique em pé e vire-se de costas. *Fá-lo voltar as costas, para que todos vejam. Para a Empregada* — Você está vendo?

EMPREGADA — Uma cruz branca!

COZINHEIRA — No meio do ombro!

MOTORISTA — É mesmo.

SA — E como ela veio parar aqui? *Mostra a palma da mão* — Estão vendo? Aqui está uma cruzinha de giz, que se reproduziu em tamanho natural nas costas do companheiro!

O Operário tira o paletó e olha a cruz.

OPERÁRIO — Trabalho bem-feito.

SA — Essa é boa, não? Trago sempre um pedaço de giz, no bolso. A gente tem de ter cabeça. Não adianta seguir apenas o figurino. *Satisfeito* — Bem, agora tenho de ir a Reinickendorf. *Corrige-se* — Quero dizer que vou visitar uma tia que mora lá. Vocês não estão muito entusiasmados, hein? *Para a Empregada* — Que cara de pateta é essa, Ana? Não entendeu nada do truque, não é?

EMPREGADA — Entendi sim. Pensa que sou idiota?

SA *como se tivesse cessado bruscamente de achar graça* — Limpe minha mão.

Ana limpa a mão do SA com um pano.

COZINHEIRA — Temos de agir assim, se quisermos impedir esses elementos perigosos de destruir tudo que o nosso Führer conseguiu erguer, e que causa a inveja de todos os povos.

MOTORISTA — Como disse? Tem toda a razão. *Tira o relógio.* Vou lavar o carro. Heil Hitler! *Sai.*

SA — Que tipo de homem é esse?

EMPREGADA — Um cara quieto. Completamente apolítico.

OPERÁRIO *levantando-se* — Pois é, Minna. Eu também vou andando. Desculpe a brincadeira com a cerveja. Convenci-me de que ninguém escapa. Quem tiver algo contra o Terceiro Reich, está perdido. Já é uma tranqüilidade. Eu, por mim, não tenho contato com esse tipo de gente, senão eles iam ver uma coisa. Apenas não tenho a sua presença de espírito. *Pronunciando clara e fortemente* — Minna, muito obrigado, e Heil Hitler!

Os OUTROS — Heil Hitler!

SA — Se o senhor não se importa, deixe-me dar-lhe um conselho: não se faça tanto de ingênuo, isso chama a atenção. Comigo pode se abrir um pouco, eu sei apreciar uma piada. Tudo bem, Heil Hitler!

Sai o Operário.

SA — De repente todo mundo foi embora. Parece que ficaram com medo! Não devia ter mencionado Reinickendorf. Essa gente presta uma atenção!

EMPREGADA — Queria lhe pedir uma coisa, Theo.

SA — Vá em frente.

COZINHEIRA — Vou lá fora, pendurar a roupa. Eu também já fui moça. *Sai.*

SA — Que é?

EMPREGADA — Vou falar porque sei que você não vai levar a mal, senão eu não diria nada.

SA — Fala logo!

EMPREGADA — Bem... sabe, é chato para mim... Olhe, preciso tirar 20 marcos daquele dinheiro.

SA — Vinte marcos?

EMPREGADA — Está vendo, você levou a mal.

SA — Tirar 20 marcos da caderneta de poupança? Não acho nada bom. Para que você precisa dos 20 marcos?

EMPREGADA — Preferia não dizer.

SA — Ah, prefere não dizer. Acho estranho.

EMPREGADA — Sei que você não concorda comigo, por isso prefiro não dizer o motivo, Theo.

SA — Se você não tem confiança em mim...

EMPREGADA — Claro que tenho confiança.

SA — Quer desistir da caderneta conjunta?

EMPREGADA — Como pode pensar numa coisa dessas! Mesmo tirando 20, sobram depositados 97 marcos.

SA — Não precisa fazer contas. Eu também sei exatamente quanto temos. Só posso pensar que você está querendo acabar comigo; talvez já tenha começado algum namoro com outro. Vai ver que quer mostrar a caderneta, para o outro examinar.

EMPREGADA — Eu não tenho ninguém.

SA — Então me diga, para que quer o dinheiro?

EMPREGADA — Você não quer me dar...

SA — Como é que eu vou saber se não é por algum motivo escuso? Sou um homem de responsabilidade, sinto-me responsável.

EMPREGADA — Não é nada de mau. Mas você sabe que, se não precisasse, eu não ia pedir o dinheiro. Disso, você sabe muito bem.

SA — Não sei de coisa alguma. Só sei que me parece bastante misterioso. Por que motivo precisa, de repente, de 20 marcos? É bastante dinheiro. Está grávida?

EMPREGADA — Não.

SA — Tem certeza?

EMPREGADA — Tenho.

SA — É bom ficar avisada: se eu souber que você tem a intenção de cometer algum ato ilegal, se uma notícia dessas chegar a meus ouvidos, pode crer, estará tudo terminado entre nós. Você talvez já tenha ouvido dizer que o maior crime que alguém pode cometer é o infanticídio. Se o povo alemão não se reproduzir, estará terminada sua missão histórica.

EMPREGADA — Theo, não sei do que você está falando. Se fosse isso, eu lhe diria, seria assunto seu também. Mas já que você insiste em pensar uma coisa dessas, vou lhe dizer: quero ajudar a Frieda a comprar um casaco de inverno.

SA — E por que sua irmã não pode comprar sozinha o casaco?

EMPREGADA — Claro que não pode. Ela recebe pensão de invalidez: vinte e seis marcos e oitenta mensais.

SA — E a Ação de Socorro de Inverno? Pois é isso, o problema é que vocês não confiam no Estado Nazista! Isso para mim é claro,

basta ver o tipo de conversa que se ouve nesta cozinha. Pensa que não reparei na sua reação de desagrado à experiência que eu fiz aqui?

EMPREGADA — Quem lhe disse que eu reagi com desagrado?

SA — Claro que sim! Tanto você como os caras que estavam aqui e saíram de repente!

EMPREGADA — Se quer saber a minha opinião sincera, eu não gostei.

SA — E do que foi que você não gostou, se posso saber?

EMPREGADA — Que você ainda por cima apronte armadilhas para os pobres-diabos, com fingimentos e truques. Meu pai também está desempregado.

SA — Pois muito bem. Era isso que eu precisava ouvir. Tirei minhas conclusões a respeito desse Lincke.

EMPREGADA — Não diga que vai fazer alguma coisa contra ele! Depois que ele fez a sua vontade e se prestou à brincadeira, animado por nós todos?

SA — Não digo nada, já disse e repito. E se você tiver objeções a que eu cumpra meu dever, leia *Mein Kampf* e verá que o próprio Führer não se achou bom demais para a função de fiscalizador da opinião popular. Durante muito tempo foi essa a profissão dele, quando estava na Reichswehr. Fez tudo pela Alemanha, e as conseqüências foram enormes.

EMPREGADA — Já que é assim que você reage, Theo, pergunto se posso tirar os 20 marcos. Mais nada.

SA — Só posso dizer que não estou me sentindo exatamente disposto a me deixar explorar.

EMPREGADA — Como assim? O dinheiro é meu ou seu?

SA — De repente você fala de maneira muito estranha sobre o nosso dinheiro! Foi para isso que livramos a comunidade nacional do

convívio com os judeus? Para sermos explorados por nossos próprios companheiros?

EMPREGADA — Mas como é que você pode dizer uma coisa dessas, por causa de 20 marcos!

SA — Tenho muitas despesas. Só as botas me custaram 27 marcos.

EMPREGADA — Mas vocês não receberam as botas de graça?

SA — Era o que pensávamos. Como não sabia que teríamos que pagar, escolhi logo as melhores, de cano alto. Depois eles cobraram e não havia saída.

EMPREGADA — Vinte e sete marcos pelas botas? E que outras despesas são essas?

SA — Que despesas?

EMPREGADA — Você disse que tinha muitas despesas.

SA — Não me lembro. Aliás, não admito ser interrogado. Pode ficar tranqüila, não vou lesar você. Quanto aos 20 marcos, vou pensar.

EMPREGADA *chorando* — Theo, não é possível! Você me disse que estava tudo em ordem com o dinheiro, e agora parece que não está. Não sei mais o que pensar. Não é possível que de todo o dinheiro não tenham sobrado nem 20 marcos!

SA *batendo-lhe nas costas* — Quem é que está dizendo que não temos mais dinheiro! Totalmente impossível. Pode confiar em mim. O que você me entrega, fica guardado como num cofre. Pronto, confia de novo no seu Theo?

Ela continua chorando e não responde.

SA — Você está tendo uma crise de nervos. Fadiga, excesso de trabalho. Já vou indo, tenho manobras noturnas. Sexta-feira venho buscar você. Heil Hitler! *Sai.*

A Empregada tenta enxugar as lágrimas; anda desesperada, de um lado para outro. Entra a Cozinheira, com um cesto de roupa.

COZINHEIRA — Que foi que houve? Brigaram? Theo é tão boa praça! É desses que realmente servem para uma mulher. Algo de sério?

EMPREGADA *chorando ainda* — Minna, será que você pode ir à casa de seu irmão, avisá-lo de que deve tomar cuidado?

COZINHEIRA — Cuidado por quê?

EMPREGADA — Nada, não. Eu só estava pensando...

COZINHEIRA — Por causa de hoje? Não está falando sério! Theo não faria uma coisa dessas, não é?

EMPREGADA — Não sei mais nada. Não sei mais o que pensar, Minna. Ele está tão mudado. Acabaram com ele. Não anda com gente decente. Já estamos juntos há quatro anos, e agora... Eu queria até lhe perguntar se não estou com uma cruz de giz nas costas!

4

SOLDADOS DO PÂNTANO

Estão cercados pela SA mas continuam a debater as palavras de Lenin e Bebel. Até que, as mãos feridas levando volumes de Marx e Kautsky, são obrigados a pôr-se de acordo no *bunker* nazista.

Campo de concentração de Esterwegen, 1934. Alguns detentos misturam cimento.

BRÜHL *em voz baixa, a Dievenbach* — Cuidado com o Lohmann. Não se pode confiar nele.

DIEVENBACH *alto* — Lohmann, Brühl está dizendo que você não guarda segredo, que não é bom andar com você.

BRÜHL — Porco!

LOHMANN — Quem fala, seu Judas! Por que foi que Karl veio parar no campo de concentração?

BRÜHL — Foi por minha causa? Fui eu quem ganhou cigarros, ninguém sabe como?

LOHMANN — Quando foi que eu ganhei cigarros?

EXEGETA BÍBLICO — Atenção!
Passa o guarda da SS fazendo a ronda, lá em cima na represa.

SS — Alguém falou. Quem foi? *Ninguém responde.* Mais uma e vão todos para o *bunker*, entenderam? Cantem!
Os prisioneiros cantam a primeira estrofe da "Canção dos Soldados do Pântano". O SS prossegue sua ronda.

PRISIONEIROS *cantando* —
"Até onde chega a vista,
Só pântanos e campinas.
E nenhum pássaro canta,
Nas árvores desfolhadas.
Somos soldados do pântano
Cavando lama com a pá."

EXEGETA BÍBLICO — Por que continuam discutindo?

DIEVENBACH — Não se meta, Exegeta Bíblico, você não entende dessas coisas. *Olhando para Brühl* — O partido dele votou ontem, no Reichstag, a favor da política externa de Hitler. *A Lohmann* — E ele acha que a política externa de Hitler quer dizer guerra.

BRÜHL — Conosco a guerra é impossível.

LOHMANN — Mesmo com vocês já houve guerra.

BRÜHL — Militarmente, a Alemanha está muito fraca.

LOHMANN — Mas vocês presentearam Hitler com um belo encouraçado.

EXEGETA BÍBLICO *a Dievenbach* — Você era o quê? Social-democrata ou comunista?

DIEVENBACH — Eu estava de fora.

LOHMANN — Mas agora está dentro: dentro do campo de concentração!

EXEGETA BÍBLICO — Cuidado!
Aparece novamente o SS. Observa os homens atentamente. Brühl começa a cantar, lentamente, a terceira estrofe da "Canção do Soldado do Pântano". O SS vai embora.

BRÜHL —
"Sentinelas vão e vêm.
E ninguém pode fugir.
Quem arrisca, perde a vida.
O forte tem uma cerca
De quatro voltas de arame.
Somos soldados do pântano
Cavando lama com a pá."

LOHMANN *jogando longe a pá* — Quando penso que estou aqui porque vocês tornaram impossível a criação da frente unida, tenho vontade de lhes afundar o crânio.

BRÜHL — Compreendo! Se eu não quiser ser seu irmão, então me afunda o crânio, não é? Que beleza! Frente unida: conheço essa cantiga, vocês queriam ficar com os nossos contingentes partidários.

LOHMANN — E vocês preferiram ser fígados por Hitler! Traidores do povo!

BRÜHL *furioso, levanta a pá contra Lohmann, que também usa a sua para ameaçar Brühl* — Vou lhe mostrar uma coisa!

EXEGETA BÍBLICO — Cuidado! *Começa rápido a cantar a última estrofe da "Canção do Soldado do Pântano". Aparece de novo o SS. Os outros também cantam, continuando a misturar o cimento.*

PRISIONEIOS —

“Não vamos nos lamentar,
O inverno não dura sempre;
Algum dia ainda diremos:
Pátria, és minha novamente!
Não precisaremos mais,
Como soldados do pântano,
Cavar lama com a pá!”

SS — Quem gritou “traidores do povo”?
Ninguém responde.

SS — Vocês não aprendem. *A Lohmann* — Quem foi?
Lohmann olha para Brühl e cala.

SS *a Dievenbach* — Quem foi?
Dievenbach cala.

SS *ao Exegeta Bíblico* — Quem foi?
O Exegeta cala.

SS *a Brühl* — Quem foi?
Brühl cala.

SS — Agora vou lhes dar mais cinco segundos, depois meto todos no *bunker* até perderem a cor.
Espera cinco segundos. Todos ficam calados, de olhar parado, olhando em frente.

SS — Todos para o *bunker*!

5

A SERVIÇO DO POVO

Aqui estão os guardas do campo, os espíões, os carrascos; servem ao povo dedicadamente. Delatam, torturam, chicoteiam, empalam, por um salário de fome.

Campo de concentração de Oranienburg, 1934. Um pequeno pátio entre os barracões. Antes que se ilumine o palco, ouvem-se chibatadas. Em seguida vê-se um SS chicoteando um Prisioneiro. Um Capitão-de-Grupo SS está de costas para a cena, fumando. Em seguida sai.

SS *cansado, sentando-se sobre um barril* — Continuar o trabalho.
O Prisioneiro levanta-se do chão e começa, com movimentos trêmulos, a limpar as latrinas.

SS — Por que se recusa a dizer não, quando perguntam, seu porco, se você é comunista? Acaba apanhando e eu, exausto, vou perder a minha saída. Por que não mandam o Klapproth fazer o serviço? Ele até gosta. Quando aquele filho da puta chegar aqui perto — *escuta* — você pega o chicote e começa a dar golpes no chão, entendeu?

PRISIONEIRO — Sim, senhor Chefe-de-Grupo.

SS — Atenção!
Lá fora ouvem-se passos. O SS mostra o chicote. O Prisioneiro o apanha e começa a bater no chão. O ruído não soa verdadeiro e o SS indica um cesto ao lado. O Prisioneiro começa a chicotear o cesto. O SS levanta-se, rápido e alarmado, toma o chicote do Prisioneiro e começa a bater nele.

PRISIONEIRO *baixinho* — Na barriga, não!
O SS chicoteia-lhe o traseiro. Aparece o Capitão-de-Grupo SS e olha a cena.

CAPITÃO-DE-GRUPO SS — Bata na barriga!

6

EM BUSCA DA JUSTIÇA

Aqui estão os senhores juizes. Os canalhas lhes disseram: justo é tudo o que melhor serve ao povo alemão. Eles responderam: e como saber ao certo? Agora eles têm de julgar a todos, até que o povo inteiro esteja na prisão.

Augsburg, 1934. Sala de conferência de um tribunal. Pela janela entra a luz leitosa de uma manhã de janeiro. Uma lâmpada esférica de gás ainda está acesa. O Juiz veste a toga. Batem à porta.

JUIZ — Entre!
Entra o Inspetor Criminal.

INSPETOR — Bom dia, senhor Juiz.

JUIZ — Bom dia, Tallinger. Chamei-o para que me informe sobre o caso Häberle, Schünt e Gaunitzer. O caso, para falar a verdade, não me parece muito claro.

INSPETOR — ?

JUIZ — Pela leitura dos autos, pude determinar que a joalheria Arndt, onde ocorreu a discussão, é uma loja judia, pois não?

INSPETOR — ?

JUIZ — E que Häberle, Schünt e Gaunitzer continuam sendo integrantes da Seção de Assalto nº 7 da SA, não é?
O Inspetor faz um gesto afirmativo.

JUIZ — Além disso, a SA não viu motivo algum para disciplinar, por sua própria iniciativa, os três indiciados, viu?
O Inspetor balança negativamente a cabeça.

JUIZ — Mas pode-se imaginar que, depois do escândalo que o fato provocou no bairro, a SA vá abrir um inquérito, não é verdade?
O Inspetor levanta os ombros interrogativamente.

JUIZ — Eu ficaria muito grato se você, Tallinger, antes do início da sessão, me fizesse um pequeno relato sobre o caso.

INSPETOR *automaticamente* — No dia 2 de dezembro do ano passado, às 8 e 15 da manhã, os SA Häberle, Schünt e Arndt invadiram a joalheria Arndt, na Schlettowstrasse, e após curta discussão feriram na nuca o senhor Arndt, de 54 anos de idade. Os danos materiais foram de onze mil duzentos e trinta e quatro marcos.

Pesquisas da Polícia Criminal, iniciadas no dia 7 de dezembro do ano passado, resultaram...

JUIZ — Meu caro Tallinger, tudo isso está nos autos. *Mostra irritado a acusação, que consta apenas de uma página.* Esta acusação é a peça mais pobre e mal redigida que eu já vi em minha vida, e olhe que nos últimos meses a coisa não foi das mais finas. Mas tudo o que me disse, está aqui. Gostaria que me desse alguma idéia a mais sobre os motivos da ocorrência.

INSPETOR — Sim, senhor Juiz.

JUIZ — E então?

INSPETOR — A coisa, a bem dizer, não teve motivo algum.

JUIZ — Tallinger, vai me dizer que é um caso simples?

INSPETOR *com um risinho* — Não, isso não...

JUIZ — Parece que desapareceram algumas jóias durante a ocorrência. Foram recuperadas?

INSPETOR — Não, acho que não.

JUIZ — ?

INSPETOR — Senhor Juiz, eu sou pai de família.

JUIZ — Eu também, Tallinger.

INSPETOR — Pois é.

Pausa.

INSPETOR — Arndt é judeu, como o senhor sabe.

JUIZ — O nome já indica.

INSPETOR — No bairro correram boatos sobre um delito racial, já faz tempo.

JUIZ *começando a compreender* — Ah! E quem estaria envolvido?

INSPETOR — A filha de Arndt. Dezenove anos. Parece que muito bonita.

JUIZ — Houve algum processo por parte das autoridades?

INSPETOR *fechando-se* — Não. O boato morreu logo.

JUIZ — Quem espalhou esse boato?

INSPETOR — O proprietário da casa. Um certo senhor Von Miehl.

JUIZ — Queria ver-se livre de uma loja judia em seu prédio?

INSPETOR — É o que pensávamos. Mas depois ele se retratou.

JUIZ — Mas, de qualquer modo, temos aí um indício da revolta dos moradores do bairro contra Arndt. Talvez os jovens da SA tenham agido motivados por alguma inspiração de cunho nacional-socialista?

INSPETOR *decidido* — Isso não, senhor Juiz.

JUIZ — Por que não?

INSPETOR — O nome do ariano que teria participado do delito sexual entre raças nunca foi citado. Sabe-se lá quem possa ter sido! Onde quer que haja arianos, o culpado pode estar entre eles, não é? E onde há muitos arianos? Para resumir: a SA não quer que se fale no assunto.

JUIZ — E por que você está me falando, então?

INSPETOR — Porque o senhor disse que também é pai de família. Porque é melhor o senhor não tocar neste assunto. Uma das testemunhas, moradoras do bairro, poderia levantar a questão.

JUIZ — Compreendo. Mas, de resto, continuo sem entender nada.

INSPETOR — Cá entre nós, quanto menos compreender, melhor.

JUIZ — É fácil dizer isso. Mas eu tenho de pronunciar uma sentença.

INSPETOR *vago* — É...

JUIZ — Só restaria a hipótese de uma provocação direta por parte de Arndt. Sem isso, não há maneira de compreender o ocorrido.

INSPETOR — É o que eu penso, senhor Juiz.

JUIZ — Como foi a provocação contra os SA?

INSPETOR — Segundo o testemunho dos rapazes, eles foram provocados tanto pelo próprio Arndt como por um desocupado, contratado pelo velho para remover a neve em frente à loja. Segundo alegam os SA, eles iam apenas beber uma cerveja e, quando passavam em frente à joalheria, foram alvo de pesados palavrões por parte de Arndt e do desocupado Wagner.

JUIZ — Os acusados têm testemunhas disso?

INSPETOR — Têm. O dono do prédio, o tal Von Miehl, declarou ter visto da janela os SA serem provocados por Wagner. E o sócio do Arndt, um certo Stau, esteve na sede da SA, naquela mesma tarde, e declarou, na presença de Häberle, Schünt e Gaunitzer, já ter ouvido Arndt referir-se com hostilidade à organização.

JUIZ — Ah, o Arndt tem um sócio! Ariano?

INSPETOR — Claro que sim: ariano. O senhor acha que ele ia arranjar um testa-de-ferro judeu?

JUIZ — Mas o sócio não deporá contra Arndt!

INSPETOR *com malícia* — Quem sabe!

JUIZ *irritado* — Mas como? A firma não poderá exigir indenização alguma, se ficar provado que os rapazes da SA foram provocados por Arndt!

INSPETOR — E o senhor acredita que Stau está interessado em pedir indenização?

JUIZ — Claro! Ele não é sócio?

INSPETOR — Por isso mesmo é que não.

JUIZ — ?

INSPETOR — Constatamos, confidencialmente, é claro, se nada foi apurado de maneira oficial, que Stau tem livre acesso à sede da SA. Ele próprio fez parte da organização, ou ainda faz. Por isso mesmo foi escolhido por Arndt como sócio. O Stau já esteve envolvido num episódio semelhante: uma "visita" feita pela SA a alguém. Acontece que o caso foi parar nas mãos do juiz errado, e deu muito trabalho para ser abafado. Não estou absolutamente querendo insinuar que o próprio Stau, neste caso... Enfim, ele não é um tipo pacato. Por favor, esta informação é estritamente confidencial, e só me adianto porque falou há pouco em sua família.

JUIZ *balançando a cabeça* — Não consigo entender uma coisa: que interesse pode ter Stau em prejudicar a firma com danos superiores a 11 mil marcos?

INSPETOR — De fato, as jóias sumiram. Mas acho que Häberle, Schünt e Gaunitzer não ficaram com elas, e tampouco as venderam.

JUIZ — Ah, é?

INSPETOR — É óbvio que o Stau não poderá tolerar a sociedade com Arndt, caso este venha a ser incriminado de provocação aos SA. Claro que os danos causados pela provocação teriam de ser indenizados a Stau, não é mesmo?

JUIZ — De fato, está tudo muito claro. *Observa pensativo por alguns instantes o Inspetor, o qual já assumiu de novo uma fisionomia impassível de funcionário.* É isto. A coisa pode ser resumida assim: Arndt provocou os rapazes da SA. Ele não era antipatizado no bairro? O senhor não disse que os escândalos na família de Arndt já tinham provocado a reação do proprietário do prédio? Já sei: não se deve mencionar essa história, mas pode-se admitir que tal aspecto venha a ser também apreciado, se em futuro

próximo a loja for desocupada por Arndt. Obrigado, Tallinger; prestou-me um bom serviço.
O Juiz oferece um charuto ao Inspetor. O Inspetor sai de cena. À porta, cruza com o Promotor Público, que vem entrando.

PROMOTOR *ao Juiz* — Posso lhe falar por alguns minutos?

JUIZ *descascando uma maçã* — Pois não!

PROMOTOR — Trata-se do Caso Häberle, Schünt e Gaunitzer.

JUIZ *com um ar ocupado* — Sim.

PROMOTOR — O caso parece muito claro.

JUIZ — Pois é. Confesso não entender por que a promotoria resolveu propor a ação judicial.

PROMOTOR — Mas como? O incidente provocou muita reação no bairro. Alguns dirigentes julgaram necessária a investigação.

JUIZ — Eu vejo apenas um caso nítido de provocação judia, nada mais.

PROMOTOR — Que bobagem, Goll! Não pense que nossas acusações, embora um tanto lacônicas, não merecem atenção. Pensei que, com toda a sua boa-fé, fosse enxergar apenas o óbvio. Mas tome cuidado, Goll, não vá escorregar! Olhe que é fácil ser removido para os confins da Pomerânia, lugar dos menos agradáveis nos tempos que correm.

JUIZ *perplexo, pára de comer a maçã* — Não entendo mais nada! Não vai me dizer que pretende absolver o judeu Arndt!

PROMOTOR *com grandeza* — É exatamente o que pretendo! O homem não pensava em provocar ninguém. O senhor acha que ele, por ser judeu, não vai obter justiça de um tribunal do Terceiro Reich? Parece-me muito estranha esta sua opinião, Goll.

JUIZ *irritado* — Não externei opinião alguma. Minha posição é apenas esta: Häberle, Schünt e Gaunitzer foram alvo de provocação.

PROMOTOR — Mas não por parte de Arndt! A provocação partiu do desocupado, como é mesmo que ele se chama? O que varria a neve da calçada... Wagner!

JUIZ — Mas disso não consta uma só palavra na sua acusação, meu caro.

PROMOTOR — Claro que não. Chegou apenas aos ouvidos da promotoria que os rapazes da SA assaltaram a loja de Arndt. E a promotoria cumpre simplesmente com o seu dever. Se por acaso, no decorrer do julgamento, a testemunha von Miehl declarar que Arndt, no momento do incidente, não chegou sequer à rua, e que o tal desocupado, como é mesmo, Wagner, insultou a SA, tudo isso há de ser tomado em consideração.

JUIZ *caíndo das nuvens* — von Miehl vai prestar esse testemunho? Mas é o proprietário do prédio, e quer a saída de Arndt! Como irá testemunhar em favor dele?

PROMOTOR — Mas o que tem agora o senhor contra von Miehl? Por que ele não pode dizer simplesmente a verdade, sob juramento? O senhor ignora que von Miehl faz parte da SS, além de ser pessoa muito bem relacionada no Ministério da Justiça? Siga meu conselho, meu caro Goll: é melhor considerá-lo como pessoa de bem.

JUIZ — Mas eu o considero. Além do mais, atualmente ninguém julga mal quem não tolera um estabelecimento judeu dentro de sua propriedade.

PROMOTOR *generoso* — Enquanto o inquilino pagar o aluguel...

JUIZ *diplomaticamente* — Parece que já houve alguma queixa anteriormente... von Miehl já tentou acusar Arndt...

PROMOTOR — O senhor sabe do fato. Mas quem lhe disse que a intenção era provocar a saída de Arndt? Lembre-se de que a queixa foi retirada. Não lhe parece que esses fatos deixam entrever um ótimo entendimento entre os dois? Meu caro Goll, não seja ingênuo!

JUIZ *agora positivamente indignado* — Meu caro Spitz, a coisa não é tão simples. O próprio sócio, que eu pensei que fosse defender o velho judeu, vai acusá-lo. E o proprietário da casa, que antes o havia denunciado, vai depor em seu favor. E ainda me diz que é tudo muito claro?

PROMOTOR — Para que é que recebemos os nossos salários?

JUIZ — Terrivelmente complicada, essa história. Aceita um charuto do Brasil?

O Promotor aceita o charuto; ambos fumam calados. Em seguida o Juiz fala, com ar sombrio.

JUIZ — Mas se for apurado em julgamento que Arndt não provocou ninguém, ele terá direito a exigir indenização por parte da SA

PROMOTOR — Para começar, ele não pode exigir indenização da SA, mas somente de Häberle, Schünt e Gaunitzer, que não possuem coisa alguma, se é que ele não vai preferir botar a culpa no tal desocupado... esse Wagner. *Com ênfase* — Em segundo lugar, antes de processar a SA, ele talvez pense duas vezes.

JUIZ — Onde está o Arndt, agora?

PROMOTOR — Numa clínica.

JUIZ — E Wagner?

PROMOTOR — Num campo de concentração.

JUIZ *mais tranqüilo* — Ah, bom, então acredito que Arndt não queira mesmo processar a SA E Wagner não vai insistir muito na sua inocência. Mas a SA não vai dar-se por satisfeita se o judeu Arndt sair incólume.

PROMOTOR — A SA terá a satisfação de ver apurada em juízo a provocação de que foram vítimas os três rapazes, e não importa muito se partiu do judeu ou do marxista.

JUIZ *ainda duvidando* — Não sei se bastará. O incidente entre o desempregado Wagner e a SA causou prejuízo à joalheria. Sempre fica um pouco de culpa para a SA.

PROMOTOR — Não se pode ter tudo. Não dá para contentar a todos. A quem contentar, eis a decisão que o seu sentimento nacional-socialista vai lhe ditar, meu caro Goll. Só posso frisar o seguinte: em certos círculos nacional-socialistas, e estou me referindo também à mais alta hierarquia da SS, espera-se mais firmeza por parte da magistratura alemã.

JUIZ *suspirando profundamente* — Hoje em dia não é fácil saber onde está a justiça, meu caro colega. Nisso há de concordar comigo.

PROMOTOR — Concordo. Mas o senhor tem a seu favor a excelente formulação do nosso Ministro da Justiça: justo é tudo o que concorra para beneficiar os interesses do povo alemão.

JUIZ *sem entusiasmo* — Já sei, já sei.

PROMOTOR — E sobretudo não se deixe intimidar: não tenha medo. *Levanta-se.* Agora está informado sobre todos os aspectos do caso. Não vai ser difícil. Até breve, meu caro!

Sai o promotor. O Juiz não está muito satisfeito. Fica algum tempo de pé, à janela. Depois folheia os autos, distraído. Finalmente, toca a campainha. Entra um Serventuário da Justiça.

JUIZ — Traga de novo à minha presença o Inspetor Criminal Tallinger, da sala das testemunhas. Mas de maneira discreta, por favor.

Sai o Serventuário. Logo em seguida entra o Inspetor.

JUIZ — Tallinger, você quase me fazia cair numa esparrela, com a idéia de tratar o caso como uma provocação por parte de Arndt. von Miehl está disposto a declarar em juízo, sob juramento, que a provocação partiu do desempregado Wagner, e não de Arndt.

INSPETOR *impenetrável* — É o que se diz, senhor Juiz.

JUIZ — Que quer dizer com isto: é o que se diz?

INSPETOR — Que Wagner de fato proferiu os insultos.

JUIZ — E não é verdade?

INSPETOR *abespinhado* — Senhor Juiz, se é verdade ou mentira, realmente não podemos...

JUIZ *com dignidade* — Escute bem, agora, homem. Lembre-se que está num tribunal de justiça alemão. Wagner confessou ou não?

INSPETOR — Senhor Juiz, eu não estive pessoalmente no campo de concentração, já que o senhor quer saber. No protocolo do comissário sobre o interrogatório, enquanto o próprio Wagner parece que está doente com um problema de rins, consta que ele confessou. Apenas...

JUIZ — Ah! Então ele confessou! Que significa esse "apenas"?

INSPETOR — Wagner lutou na guerra e foi ferido na garganta. Como testemunhou Stau, o sócio de Arndt, o senhor sabe. O ferimento prejudicou a voz de Wagner, de modo que ele não consegue proferir uma só palavra em voz alta. Como foi que von Miehl pôde tê-lo ouvido gritar palavrões, do primeiro andar, é um pouco...

JUIZ — Bem, então... Ora, você sabe muito bem que se pode insultar alguém sem usar a voz. Basta um gesto. A impressão que tenho é de que a promotoria quer deixar aberta à SA esta saída. Quero dizer, esta saída e nenhuma outra.

INSPETOR — Muito bem, senhor Juiz.

JUIZ — E o que declarou Arndt?

INSPETOR — Nada. Disse que nem estava presente, e que a ferida na cabeça foi causada por um tombo na escada. Não se pôde tirar mais nada dele.

JUIZ — Provavelmente Arndt não tem culpa alguma. Viu-se envolvido no caso, como Pilatos no Credo.

INSPETOR *desistindo* — Sim, senhor Juiz.

JUIZ — E à SA bastará que os três rapazes sejam absolvidos.

INSPETOR — Sim, senhor Juiz.

JUIZ — Pare de dizer "Sim, senhor Juiz", parece até uma vitrola!

INSPETOR — Sim, senhor Juiz.

JUIZ — Mas o que está tentando dizer? Não seja tão suscetível, Tallinger. Você compreende, estou um pouco nervoso. Sei que você é um homem honesto. Deve ter tido algo em mente quando me deu aquele conselho, não?

INSPETOR *decidindo-se, como homem de boa vontade, a revelar seus pensamentos ao Juiz* — Já pensou, senhor Juiz, na hipótese de o Promotor estar de olho no seu lugar, e ter decidido fazê-lo cair naquela armadilha? Hoje em dia, isso é coisa muito freqüente. Digamos que o senhor absolve o judeu. Ele não teve a menor parte na provocação. Não estava sequer presente. Recebeu por acaso um buraco na nuca, numa luta corporal entre outras pessoas. Voltará, depois de um certo tempo, à loja. Claro que Stau não o poderá impedir. E a loja terá tido um prejuízo de 11 mil marcos. Ora, Stau, como sócio, terá direito a reivindicar uma indenização, a qual não poderá ser exigida de Arndt. Ora, conhecendo o tipo de Stau, antevejo que ele querera receber uma compensação da SA; não irá pessoalmente lá, pois, como sócio de um judeu, é considerado um laçao semita. Mas ele tem gente na mão. Poderão começar a dizer que a SA, no entusiasmo nacionalista, está roubando jóias e valores. Pode fazer uma idéia do que vai ser a reação da SA contra a sua sentença. Além disso, o homem da rua não vai entender nada: como, no Terceiro Reich, um judeu pode ter razão contra a SA?

Há alguns instantes ouve-se rumor nos bastidores. De repente o barulho se torna bastante forte.

JUIZ — Que barulho é esse? Um momento, Tallinger. *Toca a campainha, aparece o Serventuário.* Que zoadá é essa, homem?

SERVENTUÁRIO — A sala está repleta, senhor Juiz. Tem tanta gente nos corredores que agora ninguém mais pode entrar ou sair. E tem gente da SA forçando a entrada, diz que com ordem para presenciar o julgamento.

Sai o Serventuário. O Juiz fica imóvel, estarrecido.

INSPETOR *continuando* — Essa gente vai tê-lo sempre em mira. Siga o meu conselho. Decida-se pela culpa de Arndt. Deixe a SA em paz.

JUIZ *derrotado, senta-se com a cabeça entre as mãos, cansado* — Está bem, Tallinger. Vou pensar.

INSPETOR — Isso mesmo, senhor Juiz. Pense bem! *Sai. O Juiz levanta-se, pesadamente, e toca a campainha. Entra o Serventuário.*

JUIZ — Vá a sala do Conselheiro de Justiça Fey, e diga-lhe que preciso falar com ele aqui, por alguns minutos.

Sai o Serventuário. Entra a Empregada do Juiz, trazendo um pacote com o lanche.

EMPREGADA — Um dia desses o senhor vai esquecer a cabeça, senhor Juiz. Que coisa incrível! Que foi que esqueceu, de novo? Pense bem: o principal! *Entrega-lhe o pacote.* Seu lanche! Sem o lanche, vai comer bolachas frescas, e depois lá vêm as cólicas do estômago, como na semana passada. Tudo isso porque não toma cuidado, senhor Juiz.

JUIZ — Está bem, Marie.

EMPREGADA — Quase não consegui chegar. O prédio está repleto de homens da SA, para assistir ao julgamento. Mas eles vão ver uma coisa, não é, senhor Juiz? Hoje no açougue ouvi o pessoal dizendo: ainda bem que há justiça no país! Imaginem, agredir o pobre comerciante! Metade da SA é composta de ex-criminosos, todo o bairro sabe disso. Se não houvesse justiça, eles acabariam levando até as torres da catedral. Fizeram o assalto por causa dos anéis. Um deles, o Häberle, tem uma noiva que estava na vida até seis meses atrás. Atacam o pobre do Wagner, que tem aquela ferida no pescoço, quando o homem estava varrendo a neve. Todo mundo viu. Eles fazem isso na frente de todo mundo. Aterrorizam a gente, e depois, se alguém disser alguma coisa, eles acabam sabendo, e batem no infeliz até matar.

JUIZ — Está bem, Marie. Agora, pode ir.

EMPREGADA — Eu disse, lá no açougue: o Juiz vai mostrar a eles uma coisa. Todas as pessoas de bem ficarão do seu lado, senhor Juiz: é cem por cento. Não coma muito depressa o lanche. Faz mal. Agora vou-me embora. Não quero fazer o senhor perder tempo. Vai atrasar o julgamento. Não se enerve muito, lá dentro; senão, o lanche vai fazer mal. Estômago nervoso não digere bem a comida. É melhor esperar para comer depois. A saúde é o maior dos tesouros, senhor Juiz; mas agora eu já vou, o senhor sabe. Estou vendo que está perdendo a paciência. Tenho que fazer umas compras.

Sai a Empregada. Entra o Conselheiro de Justiça Fey, um juiz mais idoso, amigo do juiz Goll.

CONSELHEIRO — O que há?

JUIZ — Queria conversar um pouco com você. Esta manhã eu devo julgar um caso horrivelmente difícil.

CONSELHEIRO *sentando-se* — Já sei: o caso da SA.

JUIZ *parando de repente de andar de um lado para outro* — Como é que você sabe?

CONSELHEIRO — Ontem à tarde já se falava nisso.
O Juiz recomeça a andar nervosamente.

JUIZ — O que é que andam falando?

CONSELHEIRO — Ninguém gostaria de estar na sua pele. *Curioso* — Que vai fazer?

JUIZ — Este é o problema: ainda não sei. Aliás, eu não sabia que o caso estava sendo tão comentado.

CONSELHEIRO *surpreso* — Não, mesmo?

JUIZ — Parece que o sócio é uma pessoa bastante perigosa.

CONSELHEIRO — É o que dizem. Além disso, von Miehl também não é nenhum santo.

JUIZ — O que é que se sabe dele?

CONSELHEIRO — O bastante: ligações importantes.

JUIZ — Altas?

CONSELHEIRO — Muito altas.

Pausa.

CONSELHEIRO *cauteloso* — Se você deixar o judeu de fora, e absolver Häberle, Schünt e Gaunitzer por terem sido provocados pelo desempregado, que fugiu e entrou na joalheria, a SA vai dar-se por satisfeita, não é? Arndt não irá de maneira alguma processar a SA.

JUIZ *preocupado* — E o sócio de Arndt? Ele poderá ir à SA pedir a devolução das jóias. E aí eu terei a SA inteira contra mim, Fey.

CONSELHEIRO *depois de refletir um pouco sobre esse argumento, que aparentemente o surpreendeu* — Mas se você não deixar de fora o judeu, quem vai ficar contra você, cem por cento, é von Miehl. Não sabe que ele tem uma porção de promissórias no banco? Ele precisa do Arndt como o afogado precisa de uma bóia.

JUIZ *apavorado* — Promissórias?

Batem à porta.

CONSELHEIRO — Entre!

SERVENTUÁRIO *entrando* — Não sei como vou fazer, senhor Juiz, para arranjar lugar para o Primeiro Promotor e para o Presidente da Câmara de Justiça, Schönling. Por que eles não avisam antes?

CONSELHEIRO *em face do silêncio do Juiz* — Arranje os dois lugares e não me aborreça.

Sai o Serventuário.

JUIZ — Esses dois: era só o que faltava!

CONSELHEIRO — Von Miehl não pode prescindir do Arndt. Por isso, jamais deixará de defendê-lo. Precisa dele...

JUIZ *arrasado* — Como de uma vaca leiteira.

CONSELHEIRO — Eu não disse isso, meu caro Goll. Não sei como pode insinuar que eu tenha dito isso. Quero deixar bem claro que não disse nenhuma palavra que pudesse ofender ao senhor von Miehl. Sinto muito, Goll, mas é preciso deixar isso bem claro.

JUIZ *enervado* — E como é que você pode pensar uma coisa dessas, Fey? E a nossa amizade?

CONSELHEIRO — Que quer dizer você com isso: "e a nossa amizade"? É óbvio que não posso me meter em seus casos. Você decida em favor da promotoria ou em favor dos rapazes da SA: a decisão é sua. Hoje em dia, cada um é o seu próprio conselheiro.

JUIZ — Claro que sou meu próprio conselheiro. Só não sei que conselho me dar!

Vai até à porta, onde pára a ouvir o barulho que vem do lado de fora.

CONSELHEIRO — Isto é péssimo.

JUIZ *irritado* — Entenda-me direito! Eu estou pronto para qualquer coisa! Você está tão mudado, não quer me entender. Decidirei assim ou assado, mas preciso saber o que esperam que eu decida. Se a gente não sabe de que lado deve vir a decisão, então não há justiça!

CONSELHEIRO — Eu, em seu lugar, não estaria gritando que não há mais justiça, Goll.

JUIZ — O que foi que eu disse? Não era nada disso. O que eu queria dizer é que, havendo tais conflitos...

CONSELHEIRO — Não há conflitos no Terceiro Reich.

JUIZ — Naturalmente. Claro. Eu quis dizer outra coisa. Não ponha cada palavra minha na balança.

CONSELHEIRO — E por que não? Eu sou um magistrado.

JUIZ *enxugando o suor* — Se fossem pesar todas as palavras de todos os juízes, meu caro Fey! Estou pronto a examinar minuciosamente todos os aspectos da questão, mas preciso ser informado sobre qual a decisão que atende aos interesses mais altos! Se eu deixar claro que o judeu não saiu da loja para ofender ninguém, me indisponho com o proprietário... não, com o sócio do joalheiro... Não sei mais nada... E se a provocação partiu do desempregado, é o proprietário que... Não, von Miehl gostaria que... Não vão me mandar para a Pomerânia... Eu sofro de hérnia, não posso ter problemas com a SA, tenho família, Fey! É fácil para minha mulher dizer que eu devo simplesmente apurar os fatos! Se seguisse esse conselho, eu acordaria numa clínica. Se falar do assalto, não devo antes falar da provocação? Em suma, o que é que esperam de mim? É claro que não vou condenar a SA: condenarei o judeu ou o desocupado Wagner. Mas qual deles? Como escolher entre o judeu e o desocupado, ou seja, entre o proprietário e o sócio? Mas para a Pomerânia eu não vou, prefiro o campo de concentração, compreende, Fey? Tudo, menos isso! Por que me olha assim? Não sou acusado de coisa alguma! Estou disposto a tudo!

CONSELHEIRO — O problema é que estar disposto a tudo não resolve nada, meu caro.

JUIZ — Como devo julgar?

CONSELHEIRO — Em geral, esse é um problema da consciência de cada juiz, Goll. Deixe que eu lhe diga isso. Com licença!

JUIZ — Claro. Segundo o melhor juízo e em plena consciência. Mas neste caso, Fey, como devo escolher? Como?
O Conselheiro vai saindo. O Juiz olha em sua direção, mudo. Toca o telefone.

JUIZ *atendendo o telefone* — Sim! Emmi? O que foi desmarcado? O jogo de boliche? Quem telefonou? O Juiz Priesnitz? De onde ele teve a informação? Que significa isso? Devo proferir uma sentença. *Desliga o telefone. Entra o Serventuário. Ouve-se mais forte o barulho nos corredores.*

JUIZ *juntando os autos* — Já vou.

SERVENTUÁRIO — Arranjei um lugar para o Presidente do Tribunal Regional, na mesa da imprensa. Ele ficou satisfeito. Mas o Primeiro Promotor não quis sentar-se no banco das testemunhas. Queria um lugar na mesa do Juiz. Mas assim o senhor presidiria à sessão do banco dos réus! *Ri, sem graça, da própria piada.*

JUIZ — Fora de cogitação. De modo algum.

SERVENTUÁRIO — Por aqui, senhor Juiz. Mas onde está a pasta com a acusação?

JUIZ *completamente desorientado* — De fato. Preciso dela. Senão, como saber quem são os acusados? Que vamos fazer com o Primeiro Promotor?

SERVENTUÁRIO — O que o senhor pegou foi o caderno de endereços, senhor Juiz. Aqui está a sua pasta. *Empurra a pasta debaixo do braço do Juiz. Este sai perturbado, enxugando o suor do rosto.*

7

DOENÇA PROFISSIONAL

Eis aqui a ilustre classe médica, dócil servidora do Estado. São pagos por cabeça: recebem o doente retalhado pelo carrasco e o devolvem remendado ao matadouro.

Berlim, 1934. Enfermaria num hospital de caridade. Um Doente novo acabou de ser trazido; as Enfermeiras estão escrevendo o nome dele na tabuleta à cabeceira do leito. Dois Doentes vizinhos conversam.

PRIMEIRO DOENTE — Quem é?

SEGUNDO DOENTE — Acho que já o vi na sala de curativos. Eu fiquei bem ao lado da maca dele. Ainda estava consciente, mas não respondeu quando perguntei o que sentia: é uma ferida só, da cabeça aos pés.

PRIMEIRO DOENTE — Você não devia ter perguntado.

SEGUNDO DOENTE — Só vi depois que o enfaixaram.

ENFERMEIRA — Silêncio! O Professor!
Com um séquito de Assistentes e Enfermeiras, entra na enfermaria o Cirurgião. Pára diante de uma cama e postula.

CIRURGIÃO — Meus senhores, eis aqui um belo caso. Mais uma vez se comprova: sem uma anamnese profunda e uma detalhada investigação das causas ocultas de uma enfermidade, a medicina cai no terreno da charlatanice. O paciente apresenta todos os sintomas de uma neuralgia, e recebeu o tratamento adequado a esse diagnóstico, durante muito tempo. Na realidade ele sofre do "mal de Raynaud", que contraiu no exercício de sua profissão como operário numa fábrica de aparelhos de ar comprimido. Trata-se portanto, senhores, de uma doença profissional. Agora nós estamos dando a ele o tratamento adequado. Este caso é um exemplo do erro que significa considerar o doente como um mero acessório da clínica, em vez de indagar de onde vem o paciente, onde contraiu a moléstia, e para onde retornará depois de curado. Quais são as três coisas que um médico deve saber?
Em primeiro lugar?

PRIMEIRO ASSISTENTE — Indagar.

CIRURGIÃO — Em segundo?

SEGUNDO ASSISTENTE — Indagar.

CIRURGIÃO — Em terceiro?

TERCEIRO ASSISTENTE — Indagar, senhor professor!

JUIZ *atendendo o telefone* — Sim! Emmi? O que foi desmarcado? O jogo de boliche? Quem telefonou? O Juiz Priesnitz? De onde ele teve a informação? Que significa isso? Devo proferir uma sentença. *Desliga o telefone. Entra o Serventuário. Ouve-se mais forte o barulho nos corredores.*

JUIZ *juntando os autos* — Já vou.

SERVENTUÁRIO — Arranjei um lugar para o Presidente do Tribunal Regional, na mesa da imprensa. Ele ficou satisfeito. Mas o Primeiro Promotor não quis sentar-se no banco das testemunhas. Queria um lugar na mesa do Juiz. Mas assim o senhor presidiria à sessão do banco dos réus! *Ri, sem graça, da própria piada.*

JUIZ — Fora de cogitação. De modo algum.

SERVENTUÁRIO — Por aqui, senhor Juiz. Mas onde está a pasta com a acusação?

JUIZ *completamente desorientado* — De fato. Preciso dela. Senão, como saber quem são os acusados? Que vamos fazer com o Primeiro Promotor?

SERVENTUÁRIO — O que o senhor pegou foi o caderno de endereços, senhor Juiz. Aqui está a sua pasta. *Empurra a pasta debaixo do braço do Juiz. Este sai perturbado, enxugando o suor do rosto.*

7

DOENÇA PROFISSIONAL

Eis aqui a ilustre classe médica, dócil servidora do Estado. São pagos por cabeça: recebem o doente retalhado pelo carrasco e o devolvem remendado ao matadouro.

Berlim, 1934. Enfermaria num hospital de caridade. Um Doente novo acabou de ser trazido; as Enfermeiras estão escrevendo o nome dele na tabuleta à cabeceira do leito. Dois Doentes vizinhos conversam.

PRIMEIRO DOENTE — Quem é?

SEGUNDO DOENTE — Acho que já o vi na sala de curativos. Eu fiquei bem ao lado da maca dele. Ainda estava consciente, mas não respondeu quando perguntei o que sentia: é uma ferida só, da cabeça aos pés.

PRIMEIRO DOENTE — Você não devia ter perguntado.

SEGUNDO DOENTE — Só vi depois que o enfaixaram.

ENFERMEIRA — Silêncio! O Professor!

Com um séquito de Assistentes e Enfermeiras, entra na enfermaria o Cirurgião. Pára diante de uma cama e postula.

CIRURGIÃO — Meus senhores, eis aqui um belo caso. Mais uma vez se comprova: sem uma anamnese profunda e uma detalhada investigação das causas ocultas de uma enfermidade, a medicina cai no terreno da charlatanice. O paciente apresenta todos os sintomas de uma neuralgia, e recebeu o tratamento adequado a esse diagnóstico, durante muito tempo. Na realidade ele sofre do "mal de Raynaud", que contraiu no exercício de sua profissão como operário numa fábrica de aparelhos de ar comprimido. Trata-se portanto, senhores, de uma doença profissional. Agora nós estamos dando a ele o tratamento adequado. Este caso é um exemplo do erro que significa considerar o doente como um mero acessório da clínica, em vez de indagar de onde vem o paciente, onde contraiu a moléstia, e para onde retornará depois de curado. Quais são as três coisas que um médico deve saber? Em primeiro lugar?

PRIMEIRO ASSISTENTE — Indagar.

CIRURGIÃO — Em segundo?

SEGUNDO ASSISTENTE — Indagar.

CIRURGIÃO — Em terceiro?

TERCEIRO ASSISTENTE — Indagar, senhor professor!

CIRURGIÃO — Certo! E indagar o quê?

TERCEIRO ASSISTENTE — As condições sociais do paciente, professor!

CIRURGIÃO — Nenhum receio de inquirir sobre a vida pessoal do paciente, que infelizmente muitas vezes é bem triste. Quando se sabe que um homem é obrigado a exercer uma profissão que a curto ou longo prazo vai destruí-lo, ou seja, vai matá-lo, e quando ele é forçado a isso para não morrer de fome, nós preferíamos não tomar conhecimento: então nos é penoso indagar.
Segue com sua comitiva e pára diante de um outro leito.

CIRURGIÃO — Que há com este homem?
A Enfermeira-Chefe segreda-lhe algo ao ouvido.

CIRURGIÃO — Compreendo.
Examina o doente rapidamente, com visível má vontade.

CIRURGIÃO *ditando* — Contusões nas costas e nas coxas. Feridas abertas no abdômen. Mais alguma coisa?

ENFERMEIRA-CHEFE *lendo* — Sangue na urina.

CIRURGIÃO — Diagnóstico de internação?

ENFERMEIRA-CHEFE — Ruptura do rim esquerdo.

CIRURGIÃO — Deve ser levado à radiologia. *Faz menção de afastar-se.*

TERCEIRO ASSISTENTE *que faz a ficha* — Causa da enfermidade, professor?

CIRURGIÃO — O que é que consta na guia de internação?

ENFERMEIRA-CHEFE — Queda na escada.

CIRURGIÃO *ditando* — Queda na escada. Por que lhe amarraram as mãos?

ENFERMEIRA-CHEFE — O paciente já arrancou os curativos duas vezes, professor.

CIRURGIÃO — Por quê?

UM DOENTE *a meia voz* — De onde vem o paciente, e para onde vai?
Todas as cabeças se voltam para ele.

CIRURGIÃO *pigarreando* — Se o doente se mostrar inquieto, dêem-lhe morfina. *Dirige-se para o leito seguinte.* E então? Está melhor? Já estamos recobrando as forças. *Examina o pescoço do paciente.*

UM DOS ASSISTENTES a outro — Trabalhador. Veio do campo de concentração de Oranienburg.

O OUTRO ASSISTENTE *rindo* — Mais um caso de doença profissional...

8

FÍSICOS

Agora vêm os Senhores Sábios, com falsas barbas teutônicas e olhos cheios de terror. Eles não querem a verdadeira física: preferem uma física ariana, a física oficial alemã.

Göttingen, 1935. Instituto de Física. Dois cientistas, X e Y. Y acabou de entrar, com uma atitude de conspirador.

Y — Descobri!

X — O quê?

Y — A resposta à pergunta de Mikowsky, em Paris.

X — Sobre as ondas de gravitação?

Y — É.

X — E então?

Y — Sabe quem nos escreveu sobre isso, dando-nos precisamente a informação de que precisamos?

X — Quem?

Y escreve um nome num pedaço de papel e entrega a X. Depois de deixar X lê-lo, Y toma de novo o papel, rasga-o em pedacinhos e joga-o no fogo.

Y — Mikowsky transmitiu-lhe as nossas perguntas. Aqui está a resposta.

X *estendendo a mão com avidez* — Dê-me. *Pára de repente.* E se descobrirem que nos correspondemos com ele?

Y — Isso não pode acontecer, de jeito nenhum!

X — Seja como for, não podemos ir adiante sem a ajuda dele. Dê-me a resposta.

Y — Você não vai conseguir decifrar. Anotei tudo no meu código particular taquigráfico. Vou ler alto.

X — Cuidado!

Y — O cabeça-de-bagre está no laboratório? *Indica o lado direito.*

X — Não, mas o Reinhardt está. *Mostra o lado esquerdo.* Sente-se aqui.

Y *lendo* — Temos dois vetores contravariantes independentes, Y e X, e um vetor contrariante t, com os quais se formam os componentes de um tensor de segundo grau, cuja estrutura obedece à fórmula: $\Sigma^{tr} = C_{bi}^1$

X que estava tomando nota, faz-lhe sinal para que se cale — Um momento! *Levanta-se e vai, nas pontas dos pés, até à parede do lado esquerdo. Aparentemente não se ouve nada de suspeito. X volta e recomeça a leitura, que interrompe algumas vezes, da mesma maneira: verificam uma vez o telefone, abrem repentinamente a porta, etc.*

Y — Para a matéria em repouso, não-coerente, onde não atuem tensões recíprocas, a fórmula $T = \mu$ corresponde à única componente de densidade de energia tensorial diferente de zero. Por conseguinte, cria-se um campo de gravitação estática, cuja equa-

ção, depois de introduzido o coeficiente constante de proporcionalidade $8\pi\mu$, é $\Delta f = 4\pi\mu$. Escolhendo-se adequadamente as coordenadas espaciais, a variação de $c^2 dt^2$ é muito pequena... *Ouve-se bater uma porta e os dois sábios fazem menção de esconder suas anotações, mas parece não ser necessário. Daí em diante, os dois se concentram no problema e parecem esquecer o perigo.*

Y *continuando a leitura* — Por outro lado, as massas dadas, ao criar-se um campo, são muito pequenas em relação à massa em repouso e, por conseguinte, o movimento dos corpos introduzido no campo de gravitação é dado por uma curva geodésica do universo no interior do campo de gravitação estático. Esta curva satisfaz o princípio de variação $\delta f_{ds} = 0$, para o qual as extremidades do fragmento da curva do universo permanecem fixas.

X — Mas o que pensa Einstein da...

Diante do terror demonstrado por Y, X percebe o lapso cometido e fica mudo de espanto. Y arranca-lhe as notas das mãos e enfia os papéis no bolso.

Y *bem alto, em direção à parede esquerda* — Pois é! Típica complexidade judia! Que relação tem isso com a física? *Mais tranquilos, tiram de novo os papéis e recomeçam a análise, com o máximo cuidado.*

9

MULHER JUDIA

Vocês agora verão um deles. Tiraram-lhes as mulheres judias. Agora só serve ariana com ariano. Não adianta xingar ou chorar. Estavam degenerando: agora se regeneram.

Noite. Uma Mulher arruma suas malas, separando as coisas que pretende levar; de vez em quando, retira da mala um objeto, para levar outro em lugar dele. Hesita longamente diante de um retrato do marido, sobre a cômoda; pega-o e torna a deixá-lo. Cansada, senta-se em cima de uma das malas, com a cabeça entre as mãos. Levanta-se e telefona.

MULHER — Aqui quem fala é Judith Keith. Como vai, doutor? Boa noite! Estou telefonando para avisar que terá de arranjar outro parceiro para o bridge: eu vou viajar... Não, não é por muito tempo, mas estarei fora algumas semanas... Vou a Amsterdã... É, a primavera lá deve ser bonita... Eu tenho amigos lá... Amigos: no plural, por incrível que pareça... Como é que o senhor vai fazer para o jogo de bridge? Bem, de fato já há duas semanas que a gente não joga... Naturalmente... Pois é, e o Fritz também esteve gripado. Ir jogar bridge, com o frio que tem feito, nem teria sentido: foi o que eu disse a ele... Mas o que é isso, doutor, como é que eu ia imaginar? Sábado passado, vocês estavam esperando uma visita da sua sogra. Eu sei, ora... Por que é que eu iria pensar numa coisa dessas? Não foi nada de repente; eu vinha adiando, deixando o tempo correr, mas agora é necessário... Ah, sim, aquela ida ao cinema também fica para outra vez... Dê lembrança à sua senhora... Por que não chama o Fritz, um domingo destes?... Está bem. Até breve!... É claro, com muito gosto... Até breve!

Desliga o telefone e disca outro número.

Alô? Aqui é Judith Keith: queria falar com a senhora Schoek... Lotte?... Eu queria me despedir: vou viajar daqui a pouco... Por nada, não, só para ver caras novas... Pois era isso o que eu queria dizer: quarta-feira próxima, o professor vem jantar com Fritz... Vocês também poderiam vir, eu vou-me embora hoje à noite... É, quarta-feira... Não, quando eu disse que vou-me embora hoje à noite, isso não tinha nada a ver com o jantar; apenas me lembrei de que vocês também poderiam vir... Mesmo que eu não esteja, vocês vêm, combinado?... Eu sei que vocês não são assim, mas de qualquer maneira, hoje em dia, todo o cuidado é pouco... Então, vocês vêm?... Se o Max também pode? Claro que pode, diga a ele que o professor estará aqui... Bem, eu vou me despedindo, até breve!

Desliga o telefone e disca outro número.

Gertrude? Aqui é Judith! Desculpe o incômodo... Muito obrigada. Queria perguntar se você não poderia tomar conta do Fritz, enquanto eu saio de viagem por uns meses... Pensei em você, porque é a irmã querida dele... Por que não havia de querer?... Ninguém vai pensar isso, e muito menos o Fritz!... É, ele sabe

que nós duas andamos um pouco... afastadas, mas... Então, se você acha melhor, eu peço ao Fritz pra lhe telefonar... Digo a ele, sim... Está tudo em ordem, mais ou menos, mas o apartamento é um pouco grande... Deixe que a Vera faz a limpeza, ela já está acostumada, é muito viva, e Fritz se dá muito bem com ela... Ah, vou lembrar uma coisa, mas por favor não me leve a mal, Fritz não gosta que falem com ele antes das refeições, você não vai esquecer? Isso, eu sempre respeitei... Não vamos discutir este assunto agora, que o meu trem sai daqui a pouquinho e ainda nem acabei de arrumar as malas... Dê uma olhada no guarda-roupa dele, e lembre a ele que tem de ir ao alfaiate ver o sobretudo que encomendou... O quarto precisa estar sempre bem aquecido, porque ele dorme de janela aberta e as noites têm estado muito frias... Não, acho que não vai se zangar... Bem, agora tenho que me despedir... Muito obrigada, Gertrude, e poderemos nos comunicar por cartas, se você quiser... Até breve!

Desliga o telefone e disca outro número.

É Ana? Aqui é Judith! Vou-me embora hoje, você sabe... Não, é preciso, as coisas estão ficando cada vez mais difíceis... Não, o Fritz não quer, ele nem sabe ainda, eu é que resolvi fazer as malas... Não acredito... Eu não espero que ele diga muita coisa... Mas é evidente que tudo ficou difícil para ele... Não temos falado nisso... Nós nunca conversamos sobre isso, nunca! Não, mudança nenhuma... Eu gostaria que olhassem um pouco por ele, nos primeiros tempos... É, principalmente aos domingos. E veja-se ele se muda de casa, este apartamento é muito grande para uma pessoa só... Eu gostaria de passar por aí e lhe dar um abraço, mas o porteiro, você sabe... Até um dia! Não, por favor, não vá à estação, de jeito nenhum!... Até breve! Eu escrevo... É claro...

Põe o fone no gancho. Apaga o cigarro que estava fumando. Incinera o caderninho onde fora buscar os números que acabava de discar. Anda pelo quarto. Depois começa a falar, ensaiando o pequeno discurso que pretende dirigir ao Marido; ela fala para uma cadeira, onde se supõe que o Marido virá sentar-se.

É isto mesmo, Fritz: vou-me embora. Talvez eu tenha esperado demais. Preciso que você me compreenda...

Interrompe o discurso, reflete e recomeça de outra forma.

Fritz, você não deve impedir, não pode fazer isso... É evidente que eu estou atrapalhando; sei que você não é nenhum covarde, que não tem medo da polícia, mas o pior não é isso. Não vão mandar você para um campo de concentração, mas amanhã ou depois são capazes de proibir que você vá à clínica. Você não vai dizer nada, mas vai ficar doente. Eu não quero ver você aqui, sentado numa poltrona, folheando revistas pra matar o tempo. Se eu vou agora, é por puro egoísmo de minha parte, nada mais. Não diga nada...

Interrompe-se de novo e começa outra vez.

Não me diga que você não mudou, não é verdade! Na semana passada, você, com toda a objetividade, chegou à conclusão de que a porcentagem de sábios judeus não era assim tão elevada; sempre se começa pela objetividade! E por que, agora, você não se cansa de me repetir que eu nunca dei provas de tanto nacionalismo judeu? Pode ser que eu também esteja ficando nacionalista: é um mal contagioso. Oh, Fritz, o que é que está acontecendo conosco?

Interrompe-se e torna a começar.

Eu não lhe disse nada que estava com vontade de ir embora, há muito tempo, porque, quando olho pra você, não consigo falar. E falar me parece tão inútil... Mas já está tudo arranjado. Só não posso entender o que há com eles: o que eles querem? Que foi que eu fiz a eles? Em política, eu nunca me meti... Eu não sou uma das mulheres da burguesia, que têm um certo padrão de vida, etc.? E por que, de repente, só as mulheres louras têm o direito de viver assim? Nestes últimos tempos eu tenho pensado muito numa coisa que há alguns anos você repetia sempre: que havia indivíduos de valor e outros de menos valor, e que, em caso de diabetes, uns teriam direito à insulina, outros não... E eu concordava, de imbecil que eu era! Agora eles estabeleceram uma nova classificação desse tipo, e eu hoje estou entre aqueles que têm valor inferior a zero. Eu bem que mereci isto!

Interrompe-se e começa de novo.

Pois é, estou fazendo as malas. Não finja que não percebeu nada, nestes últimos dias! Fritz, eu admito tudo, com exceção de uma coisa: de não nos olharmos cara a cara na última hora que nos resta! Eles não têm o direito de fazer isso conosco, esses mentirosos que forçam todo mundo a mentir. Uma vez, há uns dez anos, alguém comentou que eu não tinha jeito de judia, e

você respondeu imediatamente: ela tem tipo de judia, sim! E eu adorei a sua reação, foi uma atitude limpa! Agora, por que discutir? Estou arrumando minhas malas porque, se eu não fizer isso, não vão deixar você num cargo de chefia. Porque na clínica já tem gente que não fala com você, e porque à noite você não consegue conciliar o sono. Não venha dizer que eu não preciso ir embora, e toda a minha pressa é para não escutar você dizer que eu não preciso ir embora. Questão de tempo: caráter é uma questão de tempo. Dura mais ou dura menos, como as luvas: algumas, de boa qualidade, duram muito, mas não há nenhuma que dure eternamente. Além do mais, eu já estou enojada, estou sim. Por que hei de dizer sempre amém? Que há de errado na forma do meu nariz ou na cor dos meus cabelos? É justo que eu tenha de abandonar esta cidade, onde nasci, para poderem dar a outra pessoa a minha ração de manteiga? Que espécie de homens são vocês, e você também? Inventam a teoria dos quanta e deixam-se mandar por uns brutos que lhes acenam com a conquista do mundo, mas que negam a vocês o direito de escolherem as próprias esposas. Respiração artificial e gases letais! Vocês são monstros, ou lacaios de monstros! Não, eu não estou sendo razoável, mas, num mundo assim, de que serve a razão? Você fica aí sentado, vê sua mulher arrumando as malas, e não diz nada. As paredes têm ouvido, não é? Mas vocês não dizem nada: uns ouvem, outros calam. Eu também deveria me calar; se gostasse de você, ficaria calada. E eu gosto muito de você... Me dê aquela roupa ali: é lingerie de luxo, vai me fazer falta. Estou com 36 anos, mas não posso me arriscar em muitas experiências. No próximo país onde eu for, as coisas terão de ser diferentes. O próximo homem que eu tiver, deverá gozar do direito de ficar comigo. E não me diga que vai me mandar dinheiro, pois você sabe que isso é impossível. E não faça de conta que eu vou só por três semanas: as coisas, aqui, vão durar mais de três semanas. Você bem sabe disso, e eu também. Então não me diga: "afinal, é uma questão de poucas semanas", enquanto me passa o casaco de peles que vou levar para o inverno que vem. E não vamos dizer que é uma desgraça, digamos que é uma vergonha! Oh, Fritz!

Interrompe-se. Ouve o barulho de uma porta. Ajeita-se às pressas. Entra o Marido.

MARIDO — Está fazendo arrumação?

MULHER — Não.

MARIDO — E essas malas, são pra quê?

MULHER — Quero ir-me embora.

MARIDO — Que significa isso?

MULHER — Já tínhamos combinado que eu iria passar uns tempos fora; aqui as coisas não vão muito bem.

MARIDO — É um absurdo!

MULHER — Eu fico, então?

MARIDO — Quer ir para onde?

MULHER — Amsterdã. Só para sair daqui.

MARIDO — Você não conhece ninguém lá...

MULHER — Não.

MARIDO — Você quer ir-se embora, por quê? Se é por minha causa, não há motivo nenhum.

MULHER — Não.

MARIDO — Você sabe que eu não mudei, não sabe, Judith?

MULHER — Sei.

Ele toma-a nos braços. Permanecem calados, em pé, entre as malas.

MARIDO — Não haverá alguma outra razão?

MULHER — Você bem sabe que não.

MARIDO — Talvez não seja tão errado assim; você precisa respirar um pouco de ar puro, a gente aqui está sufocando. Depois eu vou ao seu encontro, quando cruzar a fronteira, eu me sentirei melhor.

MULHER — É, você devia fazer isso.

MARIDO — Não demora muito. De uma forma ou de outra, as coisas hão de mudar; é como uma inflamação, um ataque... Mas que desgraça!

MULHER — Pois é. Você viu Schoek?

MARIDO — Vi, mas assim de passagem, na escada. Acho que se arrependeu de nos ter ofendido. Parecia muito perturbado. Nós, do rebanho intelectual, não podemos ser menosprezados assim, eles não vão poder fazer a guerra com esqueletos sem coluna vertebral. E as pessoas não se esquivam com tanta facilidade, quando a gente as olha de frente. A que horas sai o seu trem?

MULHER — Às nove e quinze.

MARIDO — Para onde eu mando o dinheiro?

MULHER — Talvez para a posta-restante, em Amsterdã.

MARIDO — Vou conseguir uma permissão especial... Que diabo! Não posso mandar minha mulher ao estrangeiro viver com 10 marcos por mês! Que porcaria, isto tudo! Eu me sinto no fundo de uma fossa!

MULHER — Será bom para você, vir me buscar.

MARIDO — Abrir um jornal onde se tenha alguma coisa que ler...

MULHER — Eu falei com Gertrude, pelo telefone, ela vem ver você.

MARIDO — À-toa, à-toa... Por poucas semanas...

10

O ESPIÃO

Ei-los: os Senhores Professores estão aprendendo a marchar. O nazistinha puxa-lhes as orelhas e lhes ensina a posição de sentido. Cada aluno, um espião. Não precisam saber nada do mundo ou do universo. Mas é interessante informar: o que, de quem e quando. Aí vêm as criancinhas. Elas buscam o carrasco e o trazem para casa. Delatam o próprio pai, chamam-no traidor. E ficam olhando, quando levam o velho de mãos e pés algemados.

Colônia, 1935. Tarde chuvosa de domingo. Homem, Mulher e Menino, depois do almoço. Entra a Empregada.

EMPREGADA — O senhor e a senhora Klimbtsch, ao telefone, perguntam se os patrões estão em casa.

HOMEM *brusco* — Não.
Sai a empregada.

MULHER — Você devia ter atendido o telefone. Eles sabem que ainda estamos em casa.

HOMEM — Por que não podemos ter saído?

MULHER — Porque está chovendo.

HOMEM — Isso não é motivo.

MULHER — E aonde teríamos ido? Eles vão se perguntar.

HOMEM — Há uma porção de lugares aonde poderíamos ter ido.

MULHER — Então por que não saímos?

HOMEM — Para onde?

MULHER — Pena que está chovendo.

HOMEM — E aonde iríamos, se não chovesse?

MULHER — Antigamente a gente podia se encontrar com alguém.
Pausa.

MULHER — Você deveria ter ido ao telefone. Agora eles vão saber que não queremos vê-los.

HOMEM — Deixa eles saberem!

MULHER — É chato nos afastarmos deles agora, justamente quando todo mundo fez a mesma coisa.

HOMEM — Não nos afastamos deles.

MULHER — Então por que eles não podem vir aqui?

HOMEM — Porque eu acho esse Klimbtsch chatíssimo.

MULHER — Antigamente você não achava.

HOMEM — Antigamente! Pare com isso! Me dá aflição esse seu eterno "antigamente"!

MULHER — Seja como for, antigamente você não o teria cortado só por causa do processo da Fiscalização Escolar contra ele.

HOMEM — Está querendo dizer que sou covarde?
Pausa.

HOMEM — Então telefone e diga a eles que acabamos de voltar, por causa da chuva.
A Mulher continua sentada.

MULHER — Vamos convidar os Lemkes para vir aqui?

HOMEM — Para eles nos dizerem de novo que não apreciamos bastante a defesa antiaérea?

MULHER *para o Menino* — Klaus-Heinrich, deixe esse rádio!
O Menino pega o jornal.

HOMEM — Logo hoje, essa chuva; que catástrofe. Não se pode viver num país onde um dia de chuva é uma catástrofe.

MULHER — Que graça você vê nesse tipo de observação?

HOMEM — Dentro de minhas quatro paredes, posso dizer o que bem entender. Em minha própria casa não admito censura...
Interrompe o que está dizendo, pois entrou a Empregada com a bandeja do café. Enquanto ela está presente, ninguém fala. Ela sai.

HOMEM — Somos mesmo obrigados a ter uma empregada que é filha do Fiscal-do-Quarteirão?

MULHER — Já falamos demais nesse assunto. Da última vez, você disse que isso poderia ter suas vantagens.

HOMEM — Sei lá se eu disse isso! Vai você repetir minhas palavras a quem quer que seja, até para sua mãe, e verá em que bela situação ficaremos.

MULHER — O pouco que falo com minha mãe...
A Empregada vem servir café.

MULHER — Pode deixar, Erna, eu mesma sirvo.

EMPREGADA — Está bem, Madame. *Sai.*

MENINO *levantando os olhos do jornal* — Todos os padres fazem isso, papai?

HOMEM — Isso, o quê?

MENINO — O que está escrito aqui.

HOMEM — O que é que você está lendo? *Arranca-lhe o jornal da mão.*

MENINO — Nosso Chefe-de-Grupo disse que nós todos podemos saber o que diz este jornal.

HOMEM — Não me interessa o que diz o seu Chefe-de-Grupo. O que você pode ou não ler, decido eu.

MULHER — Olhe aqui, Klaus-Heinrich, tome dez *Pfennig* e vá lá fora, comprar alguma coisa para você.

MENINO — Está chovendo! *Apertando o rosto contra a vidraça, indeciso.*

HOMEM — Se não cessarem esses artigos sobre os processos contra os padres, vou cancelar a assinatura do jornal.

MULHER — E que outro jornal vai assinar? Todos trazem a mesma coisa.

HOMEM — Pois se todos os jornais trazem essas porcarias, vou parar de ler jornal. Não vou ficar ainda mais ignorante sobre o que vai pelo mundo.

MULHER — Até que não é mau fazer esses expurgos.

HOMEM — Que expurgos! Isso é pura política.

MULHER — Para nós é indiferente. Somos protestantes.

HOMEM — Mas para o povo não é indiferente. Eles nunca mais vão poder pensar numa sacristia sem se lembrar dessas infâmias.

MULHER — Mas o que é que se pode esperar deles? Essas coisas acontecem.

HOMEM — O que se pode esperar? Que eles olhem para o próprio telhado de vidro. Ouvi dizer que na própria Casa Marrom as coisas não são muito limpas.

MULHER — Mas isso vem apenas provar que o nosso povo está se curando de seus males, Karl!

HOMEM — Curando-se de seus males! Bela cura. Se isso é cura, eu prefiro a doença.

MULHER — Você está muito nervoso, hoje. Aconteceu alguma coisa no colégio?

HOMEM — O que haveria de acontecer no colégio? E pare, por favor, de dizer que estou nervoso: é isso que me enerva.

MULHER — Por que brigamos tanto? Antigamente, Karl...

HOMEM — Já estava esperando. "Antigamente!" Nem antigamente nem hoje eu gostaria que a imaginação de meu filho fosse envenenada com essas coisas.

MULHER — Onde está ele?

HOMEM — Como é que eu posso saber?

MULHER — Você viu o menino sair daqui?

HOMEM — Não.

MULHER — Não entendo como ele pode ter saído. *Chama — Klaus-Heinrich!*
Sai da sala. Ouve-se sua voz chamando. Volta à sala.

MULHER — Saiu mesmo!

HOMEM — E por que não deveria sair?

MULHER — Está chovendo a cântaros!

HOMEM — E você fica assim tão nervosa, só porque o menino saiu?

MULHER — Do que é que nós estávamos falando mesmo?

HOMEM — Que tem isso a ver?

MULHER — Nos últimos tempos você não se tem controlado.

HOMEM — Não acho que não me tenha controlado. Mas, ainda assim, o que é que tem a ver meu descontrole com o fato de que o menino saiu?

MULHER — Você bem sabe que eles escutam.

HOMEM — E daí?

MULHER — E daí? E se ele for contar? Sabe o que ensinam aos garotos na Juventude Hitlerista? Eles são abertamente estimulados a contar tudo o que ouvem em casa. Não deixa de ser estranho ele ter saído daqui tão de mansinho.

HOMEM — Bobagem.

MULHER — Você não viu quando ele saiu?

HOMEM — Ficou uma porção de tempo na janela.

MULHER — Gostaria de saber o que foi que ele ouviu.

HOMEM — Mas ele sabe o que acontece às pessoas que são denunciadas por alguém.

MULHER — E aquele garoto, de quem falaram os Schmulkes? Parece que o pai dele continua no campo de concentração. Se eu soubesse até que ponto ele escutou a nossa conversa...

HOMEM — Mas tudo isso é loucura!
Corre aos outros aposentos e chama pelo Menino.

MULHER — Não posso acreditar. Ele não iria lá sem nos dizer uma única palavra. Ele não é assim.

HOMEM — Vai ver que foi à casa de um colega.

MULHER — Então só poderia ser à casa dos Mummermanns. Vou ligar para lá.
Telefona.

HOMEM — Para mim, é alarme falso.

MULHER *ao telefone* — Aqui é a esposa do assessor Furcke. Boa tarde, senhora Mummermann. Klaus-Heinrich está aí em sua casa? Não? Então não sei onde ele pode estar. Diga-me uma coisa,

senhora Mummermann, a sede da Juventude Hitlerista fica aberta aos domingos à tarde? Sim? Ah, muito obrigada, então vou perguntar lá.

Desliga. Os dois ficam sentados em silêncio.

HOMEM — Mas o que é que você acha que ele pode ter escutado?

MULHER — O que você falou sobre o jornal. Também não deveria ter dito aquilo sobre a Casa Marrom. O garoto é muito nacional-socialista.

HOMEM — Que foi que eu disse sobre a Casa Marrom?

MULHER — Não se lembra? Você disse que lá também as coisas não são muito limpas.

HOMEM — Mas isso não pode ser considerado um ataque. Não muito limpas, ou melhor, não totalmente limpas, é apenas uma idéia atenuada, em tom de brincadeira, em linguagem popular, no sentido de que, na Casa Marrom, nem tudo, dadas as circunstâncias, funciona como desejaria o nosso Führer! Ressaltei, aliás, o caráter de simples probabilidade, usando as palavras “ouvi dizer”, o que atenua fortemente o sentido da frase. Eu não disse que as coisas lá não são limpas. Não tenho prova nenhuma disso. Eu não disse: “são”. Disse que “ouvi dizer”. Onde está o ser humano, também está a imperfeição. Não disse nada além disso, e o que disse foi de forma atenuada. Além disso, o próprio Führer já externou suas críticas sobre o assunto, e de forma muito mais contundente.

MULHER — Não estou entendendo. Comigo você não precisa falar desse jeito.

HOMEM — Quem me dera que não precisasse! Não sei direito o que você repete lá fora sobre o que eu possa dizer, num momento de exaltação, aqui entre essas quatro paredes. Entenda bem, não estou querendo dizer que você tenha o propósito de espalhar levemente coisas que possam prejudicar seu marido. Assim como não acredito que nosso filho possa fazer alguma coisa contra o próprio pai. Mas, infelizmente, há uma grande diferença em se fazer mal a alguém e saber o mal que se está fazendo.

MULHER — Pare com isso! É melhor vigiar a própria língua! E eu aqui, quebrando a cabeça para me lembrar se você falou da Casa Marrom antes ou depois de dizer que não se pode viver na Alemanha de Hitler...

HOMEM — Isso eu não disse, em momento algum.

MULHER — Você me trata como se eu fosse da polícia! Só estou querendo saber o que o garoto ouviu.

HOMEM — Eu não uso a expressão Alemanha de Hitler; não faz parte do meu vocabulário.

MULHER — E o que você falou sobre o Fiscal-de-Quarteirão? E sua frase sobre as mentiras dos jornais? E o que disse criticando a defesa antiaérea? O menino não ouve nada de positivo! Isso não é bom para uma personalidade em formação, só serve para prejudicar a juventude. E, como diz e repete o Führer, a juventude alemã é o futuro alemão. O menino de fato não é assim, e não irá lá correndo nos denunciar. Estou me sentindo mal. Estou enjoada.

HOMEM — Mas ele é vingativo.

MULHER — E por que se vingaria de nós?

HOMEM — Sei lá! Sempre há algum motivo. Talvez porque eu tenha mandado tirar aquele sapo do quarto dele.

MULHER — Mas isso já faz uma semana.

HOMEM — Vai ver ele não gostou.

MULHER — E por que você tirou o sapo do menino?

HOMEM — Porque o bicho não caçava moscas! Estava morrendo de fome! O menino não dava comida ao sapo!

MULHER — É que ele tem muito o que fazer.

HOMEM — É, mas o sapo não tinha culpa.

MULHER — O garoto nem tocou mais no assunto. Agora mesmo eu lhe dei 10 *Pfennig*. Ele tem tudo o que quer.

HOMEM — É. Isso é suborno.

MULHER — Que quer dizer com isso?

HOMEM — Vão dizer que tentamos subornar o menino, para ele não abrir a boca contra nós.

MULHER — Que acha que eles poderiam fazer com você?

HOMEM — Tudo! Não há limites para o que eles podem fazer. Meu Deus do Céu! Como ser professor? Formador da juventude? Eu tenho medo da juventude!

MULHER — Mas eles têm tudo contra todos. Todos são suspeitos. Se há suspeita, a pessoa se torna um suspeito. Mas o menino não pode ser considerado uma testemunha digna de crédito. Uma criança não sabe o que diz.

HOMEM — É o que você pensa. E, aliás, desde quando eles precisam de testemunhas para alguma coisa?

MULHER — Não podemos pensar o que dizer para explicar suas palavras? Poderemos dizer que o menino entendeu mal o que você disse.

HOMEM — Mas que posso eu ter dito? Não me lembro mais. Culpada de tudo é a merda dessa chuva. A gente fica de mau humor. E eu seria o último a dizer qualquer coisa contra o tremendo soerguimento moral que o povo alemão está experimentando nos dias de hoje. Já em finais do ano de 1932 eu previ tudo o que iria acontecer.

MULHER — Karl, agora não temos tempo para conversar sobre isso. Precisamos nos preocupar em saber explicar tudo direitinho. E rápido. Imediatamente. Não podemos perder um minuto.

HOMEM — Não posso acreditar que Klaus-Heinrich fizesse isso.

MULHER — Pois bem, primeiro as palavras sobre a Casa Marrom e as porcarias...

HOMEM — Não pronunciei a palavra "porcaria".

MULHER — Você disse que o jornal está cheio de porcarias e que ia cancelar a assinatura.

HOMEM — Sim, o jornal! Mas não a Casa Marrom!

MULHER — Você pode ter dito que não aprovava as porcarias nas sacristias, não é? Exatamente essas pessoas, hoje acusadas, é que no passado espalhavam os boatos sobre a Casa Marrom, não é isso mesmo? Diziam até que nem tudo era limpo na Casa Marrom! E você ainda disse que elas deveriam cuidar do próprio telhado de vidro, já naquele tempo! E o que você disse ao menino foi: largue o rádio e leia o jornal, pois você é de opinião que a Juventude do Terceiro Reich deve ter os olhos bem abertos para tudo o que acontece em redor, não é mesmo?

HOMEM — Não adianta mais nada.

MULHER — Karl, você não pode desistir agora. Tem de ser forte, como o Führer...

HOMEM — Eu não quero ser levado a juízo e ver no banco das testemunhas a carne da minha carne, sangue do meu sangue, depondo contra mim.

MULHER — Não deve olhar as coisas desse jeito.

HOMEM — Foi leviandade nossa frequentarmos os Klimbtschs.

MULHER — Mas não aconteceu nada com ele.

HOMEM — É, mas há uma suspeita no ar, contra ele.

MULHER — Mas se todos aqueles sobre quem pesou a nuvem de uma suspeita fossem desesperar...

HOMEM — Você acha que o Fiscal-de-Quarteirão tem algo contra nós?

MULHER — Está pensando que ele pode ser interrogado, se houver suspeita de nós? Ele acabou de ganhar uma caixa de charutos, no aniversário! E a gratificação do fim-de-ano foi generosa.

HOMEM — Os vizinhos do lado, os Gauffs, deram a ele 15 marcos!

MULHER — É, mas os Gauffs em 1932 ainda liam o jornal antinazista, e em maio de 1933 ainda punham na janela a bandeira preta-branca-e-vermelha.

O telefone toca.

MULHER — Devo atender?

HOMEM — Não sei não.

MULHER — Quem pode ser?

HOMEM — Espere um pouco. Se tocar mais uma vez você atende.
Esperam. O telefone pára de tocar.

HOMEM — Isto não é mais vida!

MULHER — Karl!

HOMEM — Seu filho é um Judas! Fica sentado à mesa, tomando a sopa que lhe servimos, enquanto escuta tudo o que os pais dizem.
Espião!

MULHER — Não diga uma coisa dessas!
Pausa.

MULHER — Acha que devíamos tomar alguma providência?

HOMEM — Será que os homens virão já, com o menino?

MULHER — Tudo é possível, não é?

HOMEM — Não é bom eu pôr a minha cruz-de-ferro?

MULHER — Claro que sim, Karl.

O Homem busca a condecoração militar e a coloca, com as mãos trêmulas.

MULHER — Mas não há mesmo nada contra você no colégio?

HOMEM — Como posso saber? Estou pronto a ensinar tudo o que eles quiserem que eu ensine. Mas o que é que eles querem? Se eu soubesse! Como hei de saber o que eles querem que seja, por exemplo, a figura de Bismarck? Os novos livros didáticos estão saindo tão devagar! Escute, não é melhor dar mais 10 marcos à empregada? Ela vive escutando.

MULHER *concordando* — É. E o retrato de Hitler ficaria melhor sobre a sua escrivaninha, não acha?

HOMEM — É. Pode pendurar.

A Mulher tenta mudar de lugar o retrato.

HOMEM — Mas se o menino disser que mudamos o retrato de lugar de propósito, isso não vai dar impressão de consciência culpada?
A Mulher pendura o retrato no lugar antigo.

HOMEM — Você ouviu o barulho da porta?

MULHER — Não ouvi nada.

HOMEM — Pois eu ouvi.

MULHER — Karl!

A Mulher o abraça.

HOMEM — Controle seus nervos. Arrume algumas mudas de roupa para eu levar.
Owe-se bater a porta da rua. Homem e Mulher estão juntos, de pé, no canto da sala, estarrecidos. Entra o menino, com um saco de papel na mão. Pausa.

MENINO — Que há com vocês?

MULHER — Onde esteve?
O Menino mostra o saco de bombons.

MULHER — Você foi só comprar chocolate?

MENINO — É claro. Que mais eu iria fazer?
O Menino atravessa a sala e sai, devorando os bombons. Seus pais olham-no com ar interrogativo.

HOMEM — Será que ele está dizendo a verdade?
A Mulher dá de ombros.

11

OS SAPATOS PRETOS

Lá vêm os órfãos e as viúvas. Prometeram-lhes bons tempos. Mas primeiro é necessário muito sacrifício e muito imposto, e grande aumento do preço da carne. Falta muito para os bons tempos.

Bitterfeld, 1935. Cozinha de uma habitação proletária. A Mãe descasca batatas. A Filha de treze anos faz o dever de casa.

FILHA — Mamãe, você vai me dar os dois Pfennig?

MÃE — Para a Juventude Hitlerista?

FILHA — É.

MÃE — Não tenho dinheiro.

FILHA — Se eu não levar dois Pfennig por semana, não vou poder ir para o campo, nas férias. E a professora disse que Hitler quer que a cidade e o campo se conheçam. As cidades devem se aproximar dos camponeses. Eu tenho que levar os dois Pfennig.

MÃE — Vou ver se posso arranjar o dinheiro.

FILHA — Que bom, mãe. Vou ajudar você a descascar as batatas. É bom o campo, não é? Coisas gostosas para comer. Outro dia, a professora de ginástica me disse que eu estou barriguda de tanto comer batatas.

MÃE — Você não tem barriga nenhuma.

FILHA — É, agora não tenho mais. Mas no ano passado eu tinha um pouquinho de barriga. Não muito.

MÃE — Vou ver se consigo comprar dobradinha, de vez em quando.

FILHA — Na escola me dão pão branco, mãe. E isso você não tem, mãe. Berta disse que no campo tinha gordura de ganso para passar no pão. E às vezes tinha até carne. Que delícia, não é?

MÃE — É, sim.

FILHA — E o ar puro.

MÃE — E ela também teve de trabalhar?

FILHA — Claro. Mas tinha muita comida. Em compensação, ela disse que o camponês foi grosseiro com ela.

MÃE — Como assim?

FILHA — Nada, só que não a deixava em paz.

MÃE — Ah, sei.

FILHA — Mas Berta era maior que eu. Ela é um ano mais velha.

MÃE — Faça logo esse seu dever de casa!

Pausa.

FILHA — Mas, mãe, eu não vou ter de calçar os sapatos pretos velhos da associação de caridade, vou?

MÃE — Não é preciso. Você tem o outro par de sapatos.

FILHA — É que os outros estão com buraco na sola.

MÃE — Com este tempo úmido? Não é bom.

FILHA — Eu ponho papel de jornal por dentro. Adianta.

MÃE — Não adianta, não. Se os sapatos estão furados, temos de mandar botar uma sola nova.

FILHA — Mas é tão caro.

MÃE — Que é que você tem contra os sapatos pretos da caridade?

FILHA — Eu detesto aqueles sapatos.

MÃE — Porque são grandes demais?

FILHA — Está vendo? Até você reparou.

MÃE — Mas são mais novos.

FILHA — Quer que eu calce?

MÃE — Se não gosta deles, não precisa usar.

FILHA — Você não me acha vaidosa, acha?

MÃE — Não. Você está crescendo, é só isso.

Pausa.

FILHA — Posso contar com os dois *Pfennig*, mãe? Eu queria muito ir para o campo.

MÃE *devagar* — Não tenho dinheiro para isso.

12

TRABALHO VOLUNTÁRIO

Os reconciliadores das classes sociais forçam os pobres ao trabalho voluntário em troca de comida ruim e um par de botas. Um ano inteiro trabalham também os filhinhos de papai. Os pobres prefeririam um salário.

A campina Lüneburger Heide, em 1935. Um grupo de voluntários do trabalho. Um jovem Operário e um Estudante trabalham juntos, na enxada.

ESTUDANTE — Por que mandaram aquele baixote gordinho do terceiro grupo para o xadrez?

OPERÁRIO *rindo* — O Chefe-do-Grupo disse que nós estamos aprendendo a trabalhar, e o baixinho falou entre os dentes que é melhor aprender a receber salário. Os chefes não gostaram.

ESTUDANTE — E por que foi que ele disse isso?

OPERÁRIO — Talvez por já ter trabalhado antes: com quatorze anos, já estava na mina.

ESTUDANTE — Cuidado, lá vem o gordo.

OPERÁRIO — Quando ele olha, eu tenho de cavar mais de um palmo de terra.

ESTUDANTE — Mais do que isso eu não consigo capinar.

OPERÁRIO — Se ele me pegar ajudando você, estou frito.

ESTUDANTE — Então também não jogo mais cigarros.

OPERÁRIO — Tomara que ele me pegue!

ESTUDANTE — Você também quer moleza? Acha que eu vou continuar pagando sem você se arriscar nem um pouco?

pois também eles já se deram conta de que não adianta o sarcasmo, pois tudo é progresso no Terceiro Reich, desde que um pulso firme assumiu a direção do país. Era isso mesmo o que ia dizer — *aponta para a Mulher Operária* — a senhorita...

MULHER — Schmidt.

REPÓRTER — Senhorita Schmidt. Em qual de nossas gigantescas máquinas de aço a senhorita trabalha?

MULHER *de cor* — Nossa tarefa inclui também a decoração do local de trabalho, que nos traz muita alegria. O retrato do Führer foi adquirido graças a uma doação coletiva e voluntária, da qual muito nos orgulhamos. Também nos orgulhamos dos canteiros de gerânios, que trazem um pouco de cor ao cinzento local de trabalho, o que aliás foi uma idéia da senhorita Kinze.

REPÓRTER — Quer dizer que vocês enfeitam o recinto da fábrica com flores, essas belas criaturinhas dos campos? E de que forma mudou, além disso, a vida na fábrica, desde que o destino alemão tomou novo rumo?

REPRESENTANTE DA DIRETORIA *soprando* — Os banheiros!

MULHER — Os novos banheiros foram uma sugestão pessoal do diretor Bauschle, a quem aproveitamos o ensejo para agradecer sinceramente. Todos podem se lavar nos novos banheiros, isto é, quando não há muita gente, nem confusão.

REPÓRTER — Ah, todo mundo quer chegar primeiro, não é? Deve ser engraçado.

MULHER — São seis torneiras só, para quinhentas e cinqüenta e duas colegas. É sempre uma bagunça. Muitas são caras-de-pau.

REPÓRTER — Mas tudo se passa dentro da maior harmonia. E agora vai nos dizer algo o senhor...

OPERÁRIO — Mahn.

REPÓRTER — Mahn. Senhor Mahn, diga-nos, por favor, qual foi a influência que teve no espírito de seus colegas o aumento de vagas e empregos na sua fábrica?

OPERÁRIO — O que é que o senhor quer dizer com isso?

REPÓRTER — Ora, pergunto se o pessoal está contente com o aumento da produtividade, agora que todas as máquinas funcionam e todos têm trabalho...

OPERÁRIO — É, sim.

REPÓRTER — Agora todos podem, no fim-de-semana, levar para casa os seus salários, não é? Não podemos nos esquecer disso.

OPERÁRIO — Não.

REPÓRTER — Nem sempre foi assim. No antigo regime, muitos companheiros eram obrigados a viver da caridade pública, contentando-se com esmolas.

OPERÁRIO — Dezoito marcos e cinqüenta. Sem descontos.

REPÓRTER *com riso artificial* — Ah! Boa piada. Essa é boa. Não tinham muito o que descontar.

OPERÁRIO — Agora tem mais desconto.

O Representante da Diretoria mexe-se, nervoso, assim como o SA de porte atlético.

REPÓRTER — Pois é isso, agora todos têm pão e trabalho, no Terceiro Reich, não é mesmo, senhor... Como é mesmo o nome? Nenhuma máquina parada, nenhum braço desocupado na Alemanha de Adolf Hitler. *Empurra brutalmente o Operário para longe do microfone.* Na cooperação alegre dos trabalhadores intelectuais e braçais, caminhamos para a reconstrução de nossa amada pátria alemã. Heil Hitler!

14

O CAIXÃO

Eles trazem caixões de zinco, selados, onde escondem o que fizeram com um ser humano: um que não se rendeu e que lutou por uma vida melhor na grande luta de classes.

Casa de trabalhadores. Uma Mulher e dois Filhos, mais um jovem Trabalhador e Esposa, fazendo uma visita. A dona da casa chora, a porta está aberta; ouvem-se passos na escada.

MULHER — Ele só falou que pagavam salários de fome... E não é verdade? Meu filho mais velho está doente dos pulmões, e não temos dinheiro para comprar leite. Não acredito que tenham feito alguma coisa com ele...

Entram vários SA e deixam no chão um grande ataúde.

UM SA — Agora, nada de drama! Qualquer pessoa pode apanhar uma pneumonia... Aqui estão os documentos, tudo em perfeita ordem. Se querem um conselho: é bom não fazerem bobagens! *Saem os SA.*

FILHO 1 — Mãe, o pai está aí dentro?

TRABALHADOR *aproximando-se do caixão* — É de zinco!

FILHO 2 — Não se pode abrir?

TRABALHADOR — Claro que sim: onde está a caixa de ferramentas? *O Trabalhador faz menção de ir procurar as ferramentas, a Esposa o detém.*

ESPOSA — Não vai abrir, não, João, senão prendem você também!

TRABALHADOR — Quero ver o que foi que fizeram com ele. Não sei por que o puseram num caixão de zinco: só se têm medo que a gente veja! Me largue!

ESPOSA — Não largo, não! Não escutou o que eles disseram?

TRABALHADOR — Acho que temos ao menos o direito de ver o corpo, não?

MULHER *toma os filhos pelas mãos e aproxima-se do caixão* — Eu tenho ainda outro irmão, e eles são bem capazes de levá-lo! Você, também, eles podem levar... Não, o caixão pode ficar fechado. Não temos necessidade de abrir. Nunca o esqueceremos.

15

O EGRESSO

Aí vêm os torturados, os interrogados a chicote. Calaram uma noite inteira. Agora suas mulheres e amigos os olham com desconfiança: que foi que confessaram de manhã?

Berlim, 1936. Cozinha de uma casa proletária. Domingo de manhã. Homem e Mulher. Ao longe, música militar.

HOMEM — Já deve estar chegando.

MULHER — Na verdade, vocês não têm nada contra ele.

HOMEM — Sabemos que foi solto do campo de concentração.

MULHER — E então, por que tanta desconfiança?

HOMEM — Já tem acontecido tanta coisa. E lá dentro a barra é pesada. A mão deles é pesada.

MULHER — E como havemos de saber o que ele é, de fato?

HOMEM — Isso a gente vê. A gente logo percebe como ele pensa.

MULHER — Mas pode demorar.

HOMEM — É.

MULHER — E ele pode ser um companheiro cem por cento.

HOMEM — Pode ser.

MULHER — Deve ser terrível, para ele, ver que todos desconfiam.

HOMEM — Mas ele sabe que é necessário.

MULHER — Mesmo assim.

HOMEM — Estou ouvindo alguma coisa. Não saia enquanto durar a conversa.

Toca a campainha. O Homem abre a porta. Entra o Egresso do campo.

HOMEM — Bom dia, Max.

O Egresso aperta a mão do Homem e da Mulher, sem falar.

MULHER — Aceita uma xícara de café? Íamos tomar agora mesmo.

EGRESSO — Se não der trabalho.

Pausa.

EGRESSO — Vocês estão com um armário novo.

MULHER — É usado. Compramos por onze marcos e cinquenta. O antigo estava caindo aos pedaços.

EGRESSO — Ah.

HOMEM — Está acontecendo alguma coisa na rua?

EGRESSO — Estão fazendo uma coleta.

MULHER — Bem que precisaríamos de um terno para você, Willi.

HOMEM — Mas estou empregado.

MULHER — Mesmo assim. Um terno, para você, viria a calhar.

HOMEM — Não diga bobagem.

EGRESSO — Empregado ou não, qualquer um pode precisar de qualquer coisa.

HOMEM — Você já arranjou trabalho?

EGRESSO — Dizem que vou arranjar.

HOMEM — Na Siemens?

EGRESSO — É, ou em outro lugar.

HOMEM — Agora não está mais tão difícil.

EGRESSO — Não.

Pausa.

HOMEM — Quanto tempo você ficou lá?

EGRESSO — Meio ano.

HOMEM — Encontrou alguém lá?

EGRESSO — Conhecido, nenhum. *Pausa.* Agora levam as pessoas para campos diferentes. A gente pode ir parar na Baviera.

HOMEM — Ah.

EGRESSO — Aqui fora as coisas não mudaram muito.

HOMEM — Não mudaram demais.

MULHER — Sabe, nós vivemos muito pacatamente, só nós dois; Willi quase não encontra mais os colegas antigos, não é, Willi?

HOMEM — É, a gente se vê pouco.

EGRESSO — Vocês ainda não conseguiram tirar do corredor as barricas de lixo, não é?

MULHER — Pois é, o senhor ainda se lembrou? Eles dizem que não têm outro lugar onde pôr.

EGRESSO *aceitando o café que a Mulher lhe serve* — Eu vou me demorar só um minuto, só o tempo de um gole de café.

HOMEM — Tem de ir a algum lugar?

EGRESSO — Selma me disse que vocês a visitaram, quando ela esteve doente. Muito obrigado.

MULHER — Não tem nada que agradecer. Dissemos a ela para vir mais aqui, à noite. Mas a verdade é que nem rádio temos.

HOMEM — E o que se ouve no rádio é o que se lê nos jornais.

EGRESSO — E não tem muito o que ler, num jornal ariano.

MULHER — Tanto quanto no jornal nazista, o "Arauto do Povo".

EGRESSO — Então, tanto faz o jornal nazista quanto o ariano, não é?

HOMEM — Eu não consigo ler muito, à noite. Chego cansado.

MULHER — Mas o que foi que aconteceu com a sua mão? Toda atrofiada! E dois dedos amputados!

EGRESSO — Foi um tombo que eu levei.

HOMEM — Ainda bem que foi a mão esquerda.

EGRESSO — É, foi uma sorte. Eu gostaria de falar em particular com você. Não é nada demais, senhora Mahn.

MULHER — Pois não. Eu vou só terminar de limpar o fogão. *A Mulher começa a cuidar do fogão. O Egresso olha-a com um sorriso amargo nos lábios.*

HOMEM — Logo mais, depois do almoço, nós vamos sair. Selma ficou boa?

EGRESSO — Do quadril, não. Nem pode lavar roupa direito. Escute... *Interrompe-se e olha os dois. Os dois o olham. Ele não continua a frase.*

HOMEM *rouco* — Vamos até à Alexanderplatz, antes do almoço? Deve haver movimento lá, com a coleta.

MULHER — É uma idéia, não é?

EGRESSO — Claro.

Pausa.

EGRESSO *baixinho* — Willi, eu ainda sou o mesmo.

HOMEM *superficialmente* — Mas, claro. Vai ter música na praça. Se arrume, Anna. Já tomamos o café. Vou passar um pente no cabelo.

Saem ambos e vão para o aposento ao lado. O Egresso fica sozinho, sentado. Pegou o chapéu. Assobia baixinho. O casal volta, já vestido para sair.

HOMEM — Vamos, Max.

EGRESSO — Está bem. Só quero lhe dizer uma coisa, Willi: acho que você está certo.

HOMEM — Está bem, então vamos. *Saem juntos.*

16

AJUDA DE INVERNO

Os filantropos do inverno chegam com flâmulas e trombetas às cabanas mais pobres. Trazem orgulhosos alguns restos de comida e trapos que conseguiram tirar das gentes. A mesma mão que matou um irmão estende agora uma dádiva, para evitar lamentações. Os pobres não conseguem engolir o pão da esmola. E o "Heil Hitler" também fica preso na goela.

Em casa de uma Velha senhora, que está de pé, com sua filha Erna, junto a uma mesa. Entram dois SA com um pacote da Ajuda de Inverno.

SA 1 — Olhe, vovó, é um presente do Führer!

SA 2 — Para não dizerem que ele não se preocupa com vocês!

VELHA — Muito obrigada, muito obrigada! Batatas, Erna! E uma saia de lã! Maçãs, também!...

SA 1 — E uma carta do Führer, com uma coisa dentro; não quer ver o que é?

VELHA *abrindo o envelope* — Uma nota de 5 marcos!... E agora, Erna, o que é que você diz?

SA 2 — É a Ajuda de Inverno!

VELHA — Meu filho, você vai aceitar uma maçãzinha, e o seu colega também! Por nos terem trazido tudo isso, e ainda subirem tantos degraus de escada! Eu não tenho outra coisa a oferecer... Também vou comer uma maçã!

A Velha morde uma maçã. Todos comem, menos Erna.

VELHA — Erna, tome uma! Não fique aí, parada, feito uma boba! Você está vendo que não é como o seu marido diz...

SA 1 — O que é que o marido dela diz?

ERNA — Nada, é bobagem da velha...

VELHA — Bobagem, não! Ele diz, sim! Não é nada de grave, e o que ele diz, qualquer um pode dizer... Que os preços aumentaram um pouco ultimamente... *Apona a filha, com a mão que segura a maçã.* Ela calculou, pelo caderno de despesas, que este ano gastou em comida 123 marcos mais do que no ano passado, não foi, Erna? *Percebe que os SA não gostaram da história.* Mas é claro que o dinheiro é necessário pra reequipar o país, não é?... Que foi? Eu disse alguma coisa errada?

SA 1 — Moça, onde é que está escondido o seu livro de despesas?

ERNA — Em minha casa. Eu não mostro a ninguém!

VELHA — Não vão brigar com ela só porque toma nota das despesas, vão?

SA 1 — E por andar espalhando calúnias, também não devemos brigar?

SA 2 — Quando entramos, eu não ouvi bem ela dizer "Heil Hitler", você ouviu?

VELHA — É claro que ela disse "Heil Hitler", e eu também disse "Heil Hitler"!

SA 1 — Acho que caímos num ninho de subversivos, meu camarada! Precisamos ver de perto esse caderno de despesas!... Vamos até à sua casa, moça! *Agarra a jovem pelo braço.*

VELHA — Mas ela está grávida de três meses! Não podem fazer uma coisa dessas!... Vocês mesmo trouxeram os presentes, e aceitaram as maçãs... Erna! Eu juro que ela disse "Heil Hitler"!... Que é que eu vou fazer, agora? Heil Hitler! Heil Hitler! *Cospe a maçã que estava mastigando. Os SA saem carregando a filha. A Velha continua a cuspir. Heil Hitler!*

17

DOIS PADEIROS

Aí vem dois padeiros: trazem um saco de farinha de milho. É para fazerem o pão. Os pobres-diabos assam com milho, farinha e leis o pão que o diabo amassou.

No pátio de um campo de concentração, os detentos marcham em círculo. Cada vez que passam pela parte da frente do pátio, dois deles trocam palavras em voz baixa.

PRIMEIRO — Você é novo aqui, não? É padeiro?

SEGUNDO — Sou. Você também é?

PRIMEIRO — Por que foi preso?

SEGUNDO — Cuidado!

Dão outra volta.

SEGUNDO — Eu não botava farinha de milho no pão de trigo. E você? Está aqui há muito tempo?

PRIMEIRO — Há dois anos.

SEGUNDO — Está aqui, por quê?... Cuidado!

Dão mais uma volta.

PRIMEIRO — Estou preso porque botava farinha de milho no pão de trigo. Naquele tempo, dois anos atrás, isso era crime de falsificação de produtos alimentícios.

SEGUNDO — Cuidado, aí!

Continuam a volta, e saem.

18

O CAMPONÊS DÁ DE COMER À PORCA

No cortejo vem o camponês com cara de poucos amigos. Não lhe pagam o grão que colhe. Se a porca tem sede, ele tem de pagar caro o leite. O camponês está danado da vida.

Aichach, 1937. Um pequeno sítio. Noite. Em frente ao chiqueiro, o Camponês dá instruções à Mulher e aos dois filhos.

CAMPONÊS — Não queria meter vocês nisso, mas ficaram me vigiando, agora vão ter de ficar de bico calado, senão o pai de vocês vai parar na prisão de Landsberg, para o resto da vida. Não é crime

dar de beber aos bichos, se eles têm sede. Nosso Senhor não gosta de ver uma criatura com fome. E quando um bicho tem fome, o bicho berra, e eu não agüento ouvir a porca berrar de fome no chiqueiro. Mas não tenho autorização para dar comida à porca. Porque o Governo não quer. Mas eu dou. Porque, se eu não der, ela vai morrer, e quem vai ter prejuízo sou eu, ninguém vai me indenizar.

MULHER — É isso mesmo. O grão é nosso. Essa canalha não tem nada de ficar nos mandando fazer isso ou não fazer aquilo. Mandaram embora os judeus, mas o Governo é que é o maior judeu de todos. O padre disse: vocês não devem amarrar a boca do bicho que berra de fome. Com isso, ele quis dizer que nós podemos continuar alimentando nossos bichos. Não fomos nós que fizemos o tal plano quadrienal. Ninguém nos perguntou nada.

CAMPONÊS — Muito certo. Os caras não são a favor dos camponeses, e os camponeses não são a favor dos caras. Querem que eu entregue o grão de graça, e lhes compre cara a ração para bois. Só para o Bigodinho poder comprar canhões.

MULHER — É isso mesmo. Toni e Marie, vão lá no pasto ficar de olheiros. Se vier alguém, avisem!

As crianças põem-se a postos. O Camponês mistura a ração para a porca e leva a vasilha para o chiqueiro, olhando em volta com desconfiança. A Mulher também olha para os lados, desconfiada.

CAMPONÊS *jogando a ração para a porca* — Pronto, Lina, pode comer à vontade. Heil Hitler! Quando tem bicho com fome, não tem Governo.

19

O VELHO COMBATENTE

Lá vêm os eleitores, em massa; deram cem por cento dos votos a quem os tortura. Não têm pão, não têm manteiga, não têm casaco. Votaram no Führer.

Calw, na província de Württemberg, 1938. Uma praça com pequenas lojas. No fundo um açougue, à frente uma leiteria. Manhã escura de inverno. O açougue ainda está fechado. A leiteria já tem luz, e defronte a ela esperam alguns fregueses.

PEQUENO-BURGUÊS — Parece que hoje não vai haver manteiga, não é?

MULHER 1 — O pouco que eu poderia comprar, com o que ganha meu marido, deveria haver.

RAPAZ — Deixe de reclamar, está bom? A Alemanha precisa é de canhões e não de manteiga, isso ele já disse e está mais do que claro.

MULHER 1 *a meia voz* — Está certo.
Silêncio.

RAPAZ — A senhora acha que a manteiga teria nos permitido ocupar os territórios da Renânia? Todo mundo gostou da ocupação, mas ninguém quer se sacrificar.

MULHER 2 — Calma, aí. Nós todos nos sacrificamos.

RAPAZ *desconfiado* — Como assim?

MULHER 2 *à Mulher 1* — A senhora não dá sempre alguma coisa, nas coletas?

A Mulher 1 faz que sim com a cabeça.

MULHER 2 — Pois então. Ela dá. E nós também. Voluntariamente.

RAPAZ — A gente sabe como é. Cada tostão parece que vem amarrado com um barbante, isso quando o Führer necessita de apoio maciço para suas grandiosas tarefas. Na coleta da Ajuda de Inverno, só dão andrajos. Preferiam dar só as traças. Nós conhecemos o material. O industrial do número 11 teve a grandiosidade de oferecer um par de botas de montar, furadas.

PEQUENO-BURGUÊS — Esse pessoal é imprudente!
Sai da leiteria a Vendedora, com um avental branco.

VENDEDORA — Já vamos abrir. *À Mulher 2* — Bom dia, senhora Ruhl. Já soube? Ontem à noite vieram buscar o jovem Lettner, o vizinho do lado.

MULHER 2 — O açougueiro?

VENDEDORA — O filho.

MULHER 2 — Mas ele não estava na SA?

VENDEDORA — Estava. O pai é do partido desde 1929. O velho Lettner só não foi preso porque tinha ido ontem a um leilão de gado. Se não, ia também.

MULHER 2 — O que foi que eles fizeram?

VENDEDORA — Aumentaram o preço da carne. Não recebiam mais mercadoria nos últimos tempos. Tinham de mandar os fregueses embora, sem nada. Consta que andaram comprando carne no mercado negro. Parece que compravam de um judeu.

JOVEM — Bem feito! Tinham mesmo de levá-lo!

VENDEDORA — Ele era dos mais fanáticos. Chegou a denunciar o velho Zeisler, do número 11, só porque o velho não assinava o jornal nazista: um velho combatente.

MULHER 2 — Pois quando o jovem voltar, vai ficar com uma cara...

VENDEDORA — Se voltar.

PEQUENO-BURGUÊS — Esse pessoal é muito imprudente!

MULHER 2 — Acho que hoje não vão abrir o açougue.

VENDEDORA — É o melhor que eles fazem. Quando a Polícia aparece, sempre encontra alguma coisa, não é? É tão difícil conseguir mercadoria, hoje em dia! Só a cooperativa pode fornecer, e lá a coisa é simples. *Falando alto* — Hoje não há creme de leite! *Murmúrio de decepção.* Os Lettners parece que hipotecaram a casa. Pretendiam anular a hipoteca, ou coisa parecida.

PEQUENO-BURGUÊS — Mas isso é demais, não se pode anular uma hipoteca. É querer muito!

MULHER 2 — O jovem Lettner era um rapaz simpático.

VENDEDORA — O velho Lettner é que era terrível. Obrigou o rapaz a entrar para a SA. O garoto preferia mil vezes sair com a namorada, é claro.

RAPAZ — Por que "terrível"? Que quer dizer com isso?

VENDEDORA — Eu disse isso? Quero dizer, "terrível" ele sempre foi. Não permitia que se dissesse nada contra as idéias dele. Falava sempre do grande ideal e criticava o egoísmo das pessoas.

PEQUENO-BURGUÊS — A senhora vai abrir a leiteria?

MULHER 2 — Eles precisavam ganhar a vida.
Agora o açougue está semi-iluminado. Dele sai a Mulher do Açougueiro, corpulenta, que pára na calçada e examina a rua com o olhar interrogativo de quem busca alguma coisa. Fala para a Vendedora da leiteria.

MULHER DO AÇOUQUEIRO — Bom dia, senhora Schlichter. Viu nosso Richard? Já devia estar aqui, com a carne, há muito tempo!
A Vendedora não responde. Todos a encaram, mudos. A Mulher do Açougueiro entende e entra rapidamente no açougue.

VENDEDORA — Está fingindo que não aconteceu nada. Nós só soube-
mos por causa do escândalo que o velho fez, anteontem, gritando tão alto que do outro lado da praça se escutava. Foi isso que os prejudicou.

MULHER 2 — Não ouvi nada, senhora Schlichter.

VENDEDORA — Não, mesmo? Pois o velho se recusou a pendurar na vitrina o presunto de massa que os homens trouxeram. Ele mesmo tinha encomendado o presunto, e os homens o forçaram a

isso, pois ele tinha deixado a vitrina do açougue vazia uma semana inteira. Só se via a tabela de preços. Quando trouxeram o presunto de massa, muito bem-feito aliás, junto com um quarto de vitela de massa, ele começou a berrar que não ia pendurar fingimento nenhum na vitrina, e outras coisas que não posso repetir. Coisas contra o governo. Aí ele jogou o presunto e a vitela no meio da rua. Os homens tiveram que pegar de volta, tudo sujo de lama.

MULHER 2 — Ts, ts, ts...

PEQUENO-BURGUÊS — Esse pessoal é mesmo imprudente!

MULHER 2 — Por que é que as pessoas de repente ficam assim fora de si?

VENDEDORA — E olha que são os mais espertos!
Nesse momento, acende-se mais uma luz no açougue.

VENDEDORA — Olhem! *Mostra excitada a vitrina semi-iluminada.*

MULHER 2 — Parece que tem alguma coisa na vitrina!

VENDEDORA — É o velho Lettner! De casaco! E onde é que ele está trepado? *Gritando de repente* — Senhora Lettner!

MULHER DO AÇOUQUEIRO *saindo do açougue* — Que foi?
A Vendedora mostra, muda, a vitrina. A Mulher do Açougueiro olha, dá um grito e cai desmaiada. A Mulher 2 e a Vendedora de leite correm para o açougue.

MULHER 2 *gritando por cima do ombro* — O velho Lettner se enforcou!

PEQUENO-BURGUÊS — Tem um letreiro pendurado no peito.

MULHER 1 — É a tabela de preços. Mas tem algo escrito.

MULHER 2 — É! E ele escreveu: "Eu votei em Hitler".

20

O SERMÃO DA MONTANHA

Os cristãos aterrorizados escondem os dez mandamentos, senão é certa a surra e a risada. Não podem permanecer cristãos. O pacífico Deus judeu foi expulso: novos deuses são adorados.

Lübeck, 1937. Cozinha de um pescador, que jaz moribundo. À cabeceira, sua Mulher e seu Filho, com uniforme da SA. O Padre está presente.

MORIBUNDO — Diga-me, por favor, existe alguma coisa após a morte?

PADRE — Você está se deixando torturar pela dúvida?

MULHER — Nos últimos dias ele disse várias vezes: Fala-se tanta coisa, promete-se tanto, e o que haverá de fato? Não o leve a mal, Reverendo.

PADRE — Após a morte, existe a vida eterna.

MORIBUNDO — É melhor do que esta?

PADRE — É, sim.

MORIBUNDO — Deve ser, mesmo.

MULHER — Ele sofreu muito, sabe?

PADRE — Deus está vendo tudo, podem crer.

MORIBUNDO — O senhor acha, mesmo? *Depois de uma pausa* — Será que lá em cima a gente pode falar de novo tudo o que quiser?

PADRE *um pouco perturbado* — Está escrito: a fé move montanhas. O senhor deve ter fé. Será mais fácil assim.

MULHER — Reverendo, não pense que meu marido tenha pouca fé. Ele sempre comungou. *Com urgência, ao Marido* — O Padre está pensando que você não tem fé. Mas você crê, não crê?

MORIBUNDO — Creio...

Silêncio.

MORIBUNDO — E, fora disso, não há mais nada.

PADRE — Que quer dizer com isso: “não há mais nada”?

MORIBUNDO — Pois é, não há mais nada. Não é? Quero dizer, se houvesse alguma coisa...

PADRE — Que mais deveria haver?

MORIBUNDO — Qualquer coisa.

PADRE — O senhor teve a sua querida Mulher, o seu Filho.

MULHER — Você nos teve a nós, não teve?

MORIBUNDO — É...

Silêncio.

MORIBUNDO — Quero dizer que, se houvesse de fato alguma coisa na vida...

PADRE — Acho que não o estou entendendo direito. Não vai dizer que a sua fé é apenas motivada pela sua vida cheia de trabalhos e necessidades?

MORIBUNDO *olha em volta, até o olhar parar no Filho* — E agora, vai ser melhor para eles?

PADRE — Para a juventude? Assim esperamos.

MORIBUNDO — Se nós tivéssemos um barco a motor...

MULHER — Não se preocupe agora!

PADRE — O senhor não devia agora pensar nessas coisas.

MORIBUNDO — Eu tenho de pensar.

MULHER — Nós vamos conseguir.

MORIBUNDO — E se houver guerra?

MULHER — Não vai falar disso agora. *Ao Padre* — Nos últimos tempos ele falou muito em guerra, com o filho. Chegaram a brigar por causa disso.

O Padre olha o Filho.

FILHO — Ele não acredita no progresso.

MORIBUNDO — O Reverendo acha que Ele, lá em cima, quer a guerra?

PADRE *hesitante* — O Evangelho diz: bem-aventurados os pacíficos...

MORIBUNDO — Mas se houver guerra...

FILHO — O Führer não quer a guerra!
O Moribundo faz um gesto com a mão, como quem afasta o que acaba de ser dito.

MORIBUNDO — Se houver guerra...
O Filho quer dizer alguma coisa.

MULHER — Fique quieto, agora.

MORIBUNDO *mostrando o Filho ao Padre* — Repita para ele a frase do Evangelho sobre os pacíficos...

PADRE — Estamos todos na mão de Deus, não se esqueça disso.

MORIBUNDO — Vai dizer a ele a frase?

MULHER — O Padre não pode fazer nada contra a guerra, homem! Nos tempos que correm, é melhor não falar no assunto, não é, Padre?

MORIBUNDO — Bem sabe que são todos uns farsantes. Eu não posso

comprar um motor para o meu barco, mas eles podem botar motor nos aviões, para a guerra, para a carnificina. Quando há tempestade, eu não posso entrar no porto, porque não tenho motor. E eles querem a guerra. São uns farsantes, todos!

Cai exausto sobre o travesseiro.

MULHER *busca assustada uma vasilha com água e limpa o suor do rosto do Moribundo* — Não dê atenção ao que ele está dizendo, ele não sabe mais o que diz.

PADRE — Acalme-se, senhor Classen!

MORIBUNDO — O senhor vai dizer para ele a frase sobre os pacíficos?

PADRE *depois de uma pausa* — Ele mesmo pode ler. Está no "Sermão da Montanha".

MORIBUNDO — Mas ele diz que tudo é invenção de um judeu, e que não vale nada.

MULHER — Não vai começar de novo! Ele não quis dizer isso. É o que ele ouviu dizerem os camaradas.

MORIBUNDO — É. *Ao Padre* — Essas palavras não valem?

MULHER *com um olhar amedrontado na direção do Filho* — Não embarace o Padre com essas perguntas, Hannes. Não pergunte essas coisas.

FILHO — E por que ele não pode perguntar?

MORIBUNDO — Valem ou não valem?

PADRE *depois de longa pausa, martirizado* — No Evangelho também está escrito: dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus!

O Moribundo cai de novo na cama. A Mulher passa-lhe o pano úmido sobre a testa.

A ADVERTÊNCIA

Foram buscar os jovens e os ensinaram a morrer pelos ricos: aprenderam a lição como uma tabuada. Morrer é mais difícil. Eles olham os punhos dos mestres e têm medo de ter medo.

Chemnitz, 1937. Recinto da Juventude Hitlerista. Uma porção de rapazes, na maior parte com máscaras contra gases. Um pequeno grupo olha na direção de um jovem sem máscara, que está sentado sozinho num banco, movendo os lábios em silêncio, como quem decora uma lição.

RAPAZ 1 — Ele continua sem.

RAPAZ 2 — É a mãe dele que não quer comprar.

RAPAZ 1 — Então ela não compreende que o filho sofre com isso?

RAPAZ 3 — Mas se ela não tem grana...

RAPAZ 1 — E o gordo não o tolera mais.

RAPAZ 2 — Ele continua estudando. É a advertência.

RAPAZ 4 — Já faz cinco semanas que ele está decorando. E são só duas estrofes.

RAPAZ 3 — Mas há muito tempo que ele já sabe.

RAPAZ 2 — Só não consegue recitar sem parar, por causa do medo.

RAPAZ 4 — É terrível isso, não é? Engraçadíssimo.

RAPAZ 1 — É de morrer de rir. *Gritando para o jovem no banco —*
Então, Pschierer, já aprendeu?
O jovem levanta a cabeça, assustado, compreende a pergunta e assente com a cabeça. E continua a estudar.

RAPAZ 2 — O gordo só implica porque ele não tem máscara contra gases.

RAPAZ 3 — Parece que ele não quis ir ao cinema com o gordo.

RAPAZ 4 — Também ouvi dizer. Vocês acreditam?

RAPAZ 2 — É possível. Eu também não topei ir com o gordo ao cinema. Mas comigo ele não se mete: meu pai armaria o maior banzê.

RAPAZ 1 — Cuidado: o gordo!
Os Rapazes se organizam em duas fileiras, rígidos. Entra um Chefe-de-Grupo, o Gordo. Fazem "Heil Hitler" com os braços esticados.

GORDO — Identifiquem-se pelo número! *Os rapazes dizem seus números.*

GORDO — Máscaras contra gases, em posição!
Os Rapazes colocam as máscaras. Alguns ainda não as têm, e fazem apenas o movimento aprendido de ajustar a máscara à face.

GORDO — Primeiro, a advertência. Quem vai recitar? *Olha em volta, como se não soubesse, e de repente —* Pschierer! Já decorou?
O jovem dá um passo à frente e coloca-se fora da fila. Está muito pálido.

GORDO — Então, senhor artista, já sabe de cor?

JOVEM — Sei, senhor Chefe-de-Grupo!

GORDO — Então pode começar. Primeira estrofe!

JOVEM —

Aprendei a olhar a morte nos olhos:
é a senha do nosso tempo.
E se algum dia fordes à batalha,
estai prontos para morrer sem medo!

GORDO — Não precisa mijar nas calças! Continue! Segunda estrofe!

RAPAZ 5 —

Atirai, golpeai, apunhalai!

É disso que nós precisamos para...

Tem uma falha de memória e repete as palavras. Alguns Rapazes mal conseguem conter o riso.

GORDO — Mas, então, continua sem saber?

JOVEM — Senhor Chefe-de-Grupo!

GORDO — Em sua casa, anda ouvindo outras coisas, não é? *Aos gritos*
— Continue!

JOVEM —

É o que precisamos para... vencer.

Sejamos alemães sem... sem lamento...

Sejamos alemães, sem um lamento!

Para isso, nós estaremos prontos...

Prontos para a morte e o sacrifício.

GORDO — Até parece que é muito difícil!

22

CHEGA ÀS CASERNAS A NOTÍCIA DO BOMBARDEIO DE ALMERIA

Aí vem os soldados. Alimentados com sopa e bons assados. Querem só que eles lutem e não façam perguntas.

Berlim, fevereiro de 1937. Corredor de uma caserna. Dois Rapazes de origem proletária carregam algo embrulhado num papel. Olham em volta, desconfiados.

RAPAZ 1 — Eles estão bem excitados hoje, hein!

RAPAZ 2 — Parece que vamos entrar em guerra. É por causa da Espanha.

RAPAZ 1 — Tinha lá dentro uns caras pálidos que nem a lua.

RAPAZ 2 — É que bombardeamos Almeria. Ontem à noite.

RAPAZ 1 — Onde fica isso?

RAPAZ 2 — Na Espanha, ora. Hitler mandou um telegrama, com ordem para um navio de guerra alemão bombardear Almeria. Castigo. Eles lá são vermelhos, e agora vão se cagar de medo do Terceiro Reich. E pode estourar a guerra.

RAPAZ 1 — Mas quem está com medo agora são eles.

RAPAZ 2 — É, estão com as calças na mão.

RAPAZ 1 — Mas se estão com as calças na mão, e as caras pálidas de medo, por que fazem todo esse escarcéu com a guerra?

RAPAZ 2 — O escarcéu, eles fazem porque Hitler quer.

RAPAZ 1 — Mas o que Hitler quer, eles também querem. São todos pelo Hitler. Pois não foi ele quem começou a formar a jovem Wehrmacht?

RAPAZ 2 — Pois é.

Pausa.

RAPAZ 1 — Você acha que vamos conseguir sair daqui?

RAPAZ 2 — Espere um pouco, se não nos arriscamos a dar de cara com um tenente. E aí vão nos tirar tudo, e os outros vão se dar mal.

RAPAZ 1 — É muito decente eles nos deixarem vir todos os dias.

RAPAZ 2 — Eles também não são milionários. Bem que sabem! Minha velha só tem 10 marcos por semana, e somos três lá em casa. Só dá mesmo para comprar batata.

RAPAZ 1 — Mas esses caras aqui só comem do bom e do melhor. Hoje teve croquete de carne.

RAPAZ 2 — Quanto deram a você, hoje?

RAPAZ 1 — Uma porção, como sempre. Por quê?

RAPAZ 2 — Eu hoje ganhei duas.

RAPAZ 1 — Deixe ver! Eu só ganhei uma.
O Segundo mostra ao Primeiro a comida que leva no embrulho.

RAPAZ 1 — Você disse a eles alguma coisa?

RAPAZ 2 — Não. Eu só disse bom-dia, como sempre.

RAPAZ 1 — Não entendo. Eu também disse o que digo sempre: "Heil Hitler".

RAPAZ 2 — Engraçado. E eu ganhei duas porções.

RAPAZ 1 — Por que isso, assim de repente? Não entendo.

RAPAZ 2 — Eu também não. Olhe: agora podemos ir.
Saem ambos correndo.

23

OS CONTRATADORES DE TRABALHO

Lá vem os contratadores de trabalho. O homem do povo é a mercadoria. Põem o pobre onde bem entendem. E ainda recebem gratidão: eles podem de novo servir, suar, fabricar máquinas de guerra, e vender barato o próprio sangue.

Spandau, 1937. Voltando da rua, um Operário encontra na porta de casa uma Vizinha.

VIZINHA — Boa noite, senhor Fenn. Queria pedir um pouco de pão emprestado à sua mulher. Mas acho que ela saiu um momentinho...

HOMEM — Ora, ora, é um prazer, senhora Dietz. Já soube do meu novo emprego?

VIZINHA — Soube. Agora há trabalho para todos. O senhor está na nova fábrica de motores, não é? Garanto que fabricam bombardeiros.

HOMEM — Em massa.

VIZINHA — Parece que precisam deles para a Espanha.

HOMEM — E por que logo a Espanha?

VIZINHA — Falam tanta coisa! Parece que é uma vergonha o que andam fazendo por lá.

HOMEM — Cuidado com o que diz.

VIZINHA — O senhor agora também está do lado deles?

HOMEM — Não estou do lado de ninguém. Faço o meu trabalho. Aonde é que Martha foi?

VIZINHA — Pois é. Talvez eu devesse avisá-lo. Talvez tenha acontecido algo de desagradável. Quando eu cheguei, o carteiro estava entregando uma carta à sua mulher. Ela ficou muito nervosa com a carta. Acho melhor eu pedir o pão na casa dos Schiermanns.

HOMEM — Que coisa. *Chamando* — Martha!
Entra a Mulher. Está de luto.

HOMEM — Mas que há com você? Quem morreu?

MULHER — Franz, olhe aqui a carta!
Entrega-lhe uma carta.

VIZINHA — Minha Nossa Senhora! O que foi que aconteceu com ele?

HOMEM — Um acidente.

VIZINHA *desconfiada* — Ele era piloto, não?

HOMEM — Era.

VIZINHA — E o acidente foi fatal?

HOMEM — Em Stettin. Durante um exercício de vôo noturno, sobre o campo de manobras. É o que está aqui.

VIZINHA — Acidente, coisa alguma! A mim não me enganam.

HOMEM — Estou-lhe dizendo apenas o que está no papel. A carta vem do comando da base aérea.

VIZINHA — E de onde veio a última carta dele para vocês? De Stettin?

HOMEM — Calma, Martha. Agora não adianta mais nada.

VIZINHA — Seu irmão era uma pessoa tão simpática. Quer que lhe faça um café?

HOMEM — Ah, senhora Dietz, seria bom.

VIZINHA *procurando uma panela para fazer café* — Uma notícia dessas é sempre um golpe.

MULHER — Pode ir tomar banho, Herbert. A senhora Dietz não se importa.

HOMEM — Tem tempo.

VIZINHA — Ele ainda lhes escreveu de Stettin?

HOMEM — As cartas vieram todas de Stettin.

VIZINHA — Ah, sei. Ele também estava no sul.

HOMEM — Que quer dizer com isso, no sul?

VIZINHA — No sul, bem longe, na bela Espanha.

HOMEM *à Mulher, que rompe de novo em pranto* — Controle-se, Martha! *À Vizinha* — A senhora não deveria falar assim, senhora Dietz.

VIZINHA — Eu gostaria de saber o que eles responderiam, se o senhor fosse a Stettin reclamar o corpo do seu cunhado.

HOMEM — Mas eu não vou a Stettin.

VIZINHA — Eles escondem tudo direitinho. E vira um ato de heroísmo, não deixarem nada vir a público. Outro dia ouvi alguém elogiar a eficiência com que eles escondem a guerra. Chegam a fazer o seguinte: quando um avião bombardeiro é alvejado, e os tripulantes saltam de pára-quadras, os nossos, dos outros aviões, atiram de metralhadora nos companheiros, para evitar que eles digam aos comunistas em terra que são alemães.

MULHER *nauseada* — Me dá um copo d'água, Herbert, por favor. Não estou me sentindo bem.

VIZINHA — Eu não queria irritá-la. Mas é incrível como eles escondem tudo. Sabem perfeitamente que estão cometendo um crime, e que esta guerra é uma vergonha. Acidentado durante um exercício! Que exercício? É a guerra!

HOMEM — Faça o favor de não falar tão alto, aqui. *À Mulher* — Melhorou?

VIZINHA — O senhor também é um dos que cala a boca. Pois bem: a carta é a sua recompensa.

HOMEM — Agora, chega!

MULHER — Herbert!

VIZINHA — Agora chega, não é? Como foi que o senhor arranjou um emprego? Mas seu cunhado também arranjou! Ele se "acidentou" exatamente num desses aviões que o senhor fabrica!

HOMEM — Agora está indo longe demais, senhora Dietz. Eu fabrico aviões! E os outros? Fabricam o quê? Que faz seu marido, senho-

ra Dietz? Lâmpadas, não é? Não é para a guerra, não? É só iluminação? E para que a iluminação? O que é que vai ser iluminado? Tanques, talvez? Ou um navio de guerra? Ou um desses aviões? Mas seu marido só fabrica lâmpadas! Meu Deus do céu, não há mais nada que não sirva à guerra! Onde poderei encontrar emprego, se eu insistir em que meu trabalho não será para a guerra? Quer que eu morra de fome?

VIZINHA *a meia voz* — Não estou dizendo que o senhor deve morrer de fome. É claro que tem de aceitar o emprego. Só estou falando desses criminosos. Uma bela criação de novos empregos!

HOMEM *sério* — E você, Martha, não pode andar assim de luto. Eles não querem.

VIZINHA — É por causa das perguntas.

MULHER *calma* — Você quer dizer que eu devo tirar o luto?

HOMEM — Deve. Se não, vou perder logo o meu emprego.

MULHER — Pois eu não tiro.

HOMEM — Como assim?

MULHER — Não tiro. Meu irmão morreu: vou usar luto por ele.

HOMEM — Mas você só tem esse vestido porque Rosa comprou, quando mamãe morreu. Se não, você não teria luto para vestir.

MULHER *gritando* — Não vou deixar que me proibam de usar luto! Se eles o podem matar, eu pelo menos posso chorar. Onde já se viu! Nunca o mundo viu tamanha desumanidade! São uns criminosos!

VIZINHA *enquanto o Homem, mudo de susto, permanece imóvel* — Mas senhora Fenn!

HOMEM *com voz rouca* — Se você continuar falando assim, podem nos acontecer coisas bem piores do que eu perder o emprego.

MULHER — Pode deixar que venham me buscar! Eles também têm campos de concentração para mulheres. Deixe me internarem por eu me importar quando meu irmão é assassinado. Ele não tinha nada que fazer na Espanha!

HOMEM — Pare de falar na Espanha!

VIZINHA — A senhora está procurando a própria desgraça, senhora Fenn!

MULHER — Temos que calar a boca para você não perder o emprego? Porque morreremos de fome, se não construirmos seus bombardeiros? Para depois morreremos também, como Franz? Eles arranjaram um emprego para ele, não foi? Um emprego a sete palmos embaixo da terra. Isso ele podia ter tido aqui fora!

HOMEM *tentando tapar-lhe a boca* — Fique quieta! Não adianta nada!

MULHER — E o que é que adianta? Por que não faz, então, o que adianta?

24

PLEBISCITO

No dia em que eles marcharam, nós perguntamos aos gritos: nenhum de vocês diz não? Não podem ficar tão quietos! Não é a guerra de vocês, a guerra para onde vão!

Berlim, 13 de março de 1938. Uma casa de trabalhadores. Dois operários e uma Mulher. A haste de uma bandeira bloqueia a porta do pequeno recinto. Ouve-se no rádio o ruído de um júbilo indescritível, sinos tocam, roncam motores de aviões. Ouve-se a voz do locutor: "O Führer acaba de entrar em Viena!"

MULHER — Parece o mar.

TRABALHADOR MAIS VELHO — É. Ele está ganhando, sem parar.

TRABALHADOR MAIS NOVO — E nós estamos perdendo.

MULHER — Pois é.

TRABALHADOR MAIS NOVO — Escutem como o povo grita! Parece que estão ganhando um presente.

TRABALHADOR MAIS VELHO — Mas estão, mesmo: estão ganhando um exército invasor.

TRABALHADOR MAIS NOVO — E logo virá o plebiscito: "*Um só povo, um só Reich, um só Führer! Não é isso o que você quer, povo alemão?*". E nós não podemos sequer distribuir uns volantes, durante o plebiscito. Aqui, nesta cidade operária de Neuköln.

MULHER — E por que não?

TRABALHADOR MAIS NOVO — É muito perigoso.

TRABALHADOR MAIS VELHO — Especialmente agora, que Karl foi preso. Já não teríamos como obter os endereços.

TRABALHADOR MAIS NOVO — E também não temos quem nos prepare os textos.

MULHER *indicando o rádio* — Ele dispõe de 100 000 homens para o ataque. Nós não temos nenhum. Muito bem. Se ele tem o que precisa, vai acabar ganhando.

TRABALHADOR MAIS NOVO *zangado* — Então, Karl não faz falta.

MULHER — Se vamos cair nesse estado de espírito, é melhor nos separarmos.

TRABALHADOR MAIS VELHO — Camaradas, não adianta fingirmos para nós mesmos. O fato é que publicar um panfleto, um volante, está cada dia mais difícil. Não podemos fingir que não estamos ouvindo — *indica o rádio* — essa euforia da vitória. *À Mulher* — Você não vai negar que os nossos camaradas, ouvindo isso, podem pensar que o regime está cada vez mais vitorioso, cada vez mais forte, não é? Pois não parece mesmo um povo jubiloso?

MULHER — Parece mais um bando de vinte mil bêbados, encharcados de cerveja.

TRABALHADOR MAIS VELHO — Vai ver, nós somos os únicos que pensamos assim.

MULHER — Pois é. Nós e os iguais a nós.
A Mulher procura desamassar um papel dobrado.

TRABALHADOR MAIS VELHO — Que é isso?

MULHER — Cópia de uma carta. Com tanto barulho, eu posso lê-la em voz alta. *Lê* — "QUERIDO FILHO! AMANHÃ NÃO ESTAREI MAIS COM VIDA. A EXECUÇÃO COSTUMA SER ÀS SEIS DA MANHÃ. ESCREVO, AINDA, POIS QUERO QUE VOCÊ SAIBA QUE MINHAS OPINIÕES, MEUS IDEAIS PERMANECEM OS MESMOS. NÃO PEDI CLEMÊNCIA, POIS NÃO COMETI CRIME ALGUM. APENAS SERVI À MINHA CLASSE. PODE PARECER QUE NÃO CONSEGUI NADA COM ISSO, MAS NÃO É VERDADE: CADA UM NO SEU LUGAR, ESTE DEVE SER O LEMA! NOSSA TAREFA É MUITO DIFÍCIL, MAS É A MAIOR QUE EXISTE: LIBERTAR DOS OPRESSORES A HUMANIDADE. SEM ISSO, A VIDA NÃO TEM VALOR. SÓ ISSO CONTA. SE NÃO PENSARMOS SEMPRE NISSO, A HUMANIDADE CAIRÁ NO BARBARISMO. VOCÊ AINDA É PEQUENO, MAS É SEMPRE BOM SABER DE QUE LADO ESTÁ. FIQUE COM SUA CLASSE, ASSIM SEU PAI NÃO TERÁ SOFRIDO UM TRÁGICO DESTINO EM VÃO, POIS NÃO FOI FÁCIL. TOME CONTA DA MÃE E DOS IRMÃOS, VOCÊ É O MAIS VELHO. SEJA CONSCIENTE. SAUDAÇÕES, A TODOS, DO PAI, QUE MUITO BEM LHE QUER...".

TRABALHADOR MAIS VELHO — Não somos tão poucos assim.

TRABALHADOR MAIS NOVO — Que poderíamos dizer no volante, no dia do plebiscito?

MULHER *refletindo* — Melhor seria uma palavra só: "NÃO"!